



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**SOBRE A LATÊNCIA: DO PARENTAL AOS ÍDOLOS E  
HERÓIS**

André Barbosa Leitão de Lobo Ferreira

**Orientador da Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marque, apresentada no ISPA – Instituto Universitário, para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006, publicado em Diário da Republica, 2ª série, de 26 de Setembro, 2006.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por ser o berço dos meus valores e alegrias. Obrigado pela forma que cada um teve de me ajudar a evoluir para quem hoje sou.

Obrigado pai e mãe, pelas problemáticas que orgulhosamente chamo de minhas, pela relação de amor e pela base segura que todos os dias criam e desenvolvem!

Obrigado Bernardo, pela companhia, confiança e cumplicidade que se estabeleceu ao longo dos dias que agora são anos, nos bons e maus momentos.

Agradeço aos meus amigos, pela alegria, companheirismo e afeto que vos torna a minha segunda família.

Um especial obrigado a ti Cátia, por tudo o que em apenas 5 anos te tornaste para mim. E por tudo o resto que já sabes e que palavras não expressam! Obrigado!

Obrigado Vera, pela relação forte que trazes e que resiste ao passar dos anos!

Barros, por cada piada, por toda a amizade. Pela energia que passas no teu modo de ser!

Carol, adorei cada café que veio e obrigado por cada café que virá, obrigado pela alegria e força da tua existência!

Andreia, a ligação que começou nos homónimos, cresceu no chili e se cristalizou nesta amizade íntima é-me muito especial, és grande Ferreira!

Fuminhas, adoro a tua atitude com a vida, espero continuar ao teu lado nos caminhos que a vida leva e que por vezes escolhemos. Obrigado pelos risos e pelo calor.

Obrigado Matheus, por cada riso e festa, por cada história e conhecimento.

Aos meus Padrinhos, pelas lições, força e apoio que trazem, pelo calor da amizade.

Ao Jimmy, és o meu segundo irmão com tudo o isso representa, obrigado!

A ti Sérgio, pelo que palavras não expressam, pelo que cada sorriso representa, pela luz da tua chama e o calor que a acompanha.

Obrigado Sofia, pelo sorriso, alegria e vivacidade que cada dia renovas.

Tony, pela energia que contagias, pela força que tens, pelo café que me acorda!

A ti ISPA, por me agarrares e arremessares na minha direção, da forma que sabes fazer!

Obrigado Doctor, Ellen e Alisa, pela energia e visão do mundo que me identifico que me dá força.

## **Resumo**

O presente trabalho procura abordar a fase de latência com foco na evolução das imagens parentais ao longo desta. A latência é enquadrada no desenvolvimento psicosssexual da criança, sendo abordadas as imagens parentais interligadas com as problemáticas ao longo deste desenvolvimento. O estudo recolheu o material de análise numa população de seis anos e numa de onze anos, de forma a se obter dados de análise do início e final desta fase. Os dados foram obtidos através dos protocolos do C.A.T., da criação de um herói num Desenho coletivo e de uma entrevista individual sobre este Desenho. Os objetivos do estudo prendem-se em observar as imagens no início e final da fase de latência e interligar estes dados com o que pode representar esta figura idealizada de herói ou ídolo.

**Key Words:** Fase de Latência, Imagens Parentais, C.A.T., Desenvolvimento Psicosssexual, Ídolo.

## **Abstract**

This paper discusses the latency phase with an emphasis on the evolution of parental imagos along this phase. Latency is framed in the psychosexual development of the child, and parental imagos are intertwined with the problem throughout this development. The study collected the material for analysis in a population of six and eleven years in order to collect analysis data from the beginning and end of this phase. The data were obtained from the C.A.T. protocols, from the creation of a hero in a collective Drawing and an individual interview on this Drawing. The objective is to relate the imagos in the beginning and end of the latency phase and to link these data with what this idealized figure of a hero or Idol can represent.

**Key Words:** Latency phase, Parental Imagos, C.A.T., Psychosexual Development, Idol.

## Índice

1 – Sobre a Latência: Enquadramento .....	3
Começando .....	3
1.1 – Desenvolvimento Psicosexual.....	3
1.2 – Latência .....	4
1.3 – Figuras Parentais/Imagos .....	5
1.4 – Imago Materna .....	6
1.5 – Imago Paterna .....	7
1.6 – Problemáticas por Idade .....	8
2 – Sobre o que se pretende: Objetivos.....	10
3 – Sobre como foi abordada a latência: Metodologia.....	11
3.1 – Participantes.....	11
3.2 – Instrumentos .....	11
3.2.1 – Desenho.....	11
3.2.2. – C.A.T. ....	12
3.2.3 – Entrevista.....	12
3.3 – Procedimento de Recolha .....	13
3.3.1 – Desenho.....	13
3.3.2 – C.A.T. ....	13
3.3.3 – Entrevista.....	14
3.4 Procedimento de Análise .....	14
3.4.1 Pressupostos teóricos .....	14
3.4.2 – Desenho.....	16
3.4.3 – C.A.T. ....	16
3.4.4 – Entrevista.....	17
4 – Sobre o que se viu na latência: Apresentação e análise dos dados .....	18
4.1 – Apresentação e Análise dos Desenhos.....	18
4.1.1 – Realização do desenho nos seis anos.....	18
4.1.2 Conteúdos do Desenho seis anos.....	19
4.1.3 Análise Imago Paterna.....	21
4.1.4 – Realização do desenho nos onze anos .....	22
4.1.5 – Conteúdo do Desenho onze anos .....	24
4.1.6 – Análise Imago Materna .....	26

4.2 – Apresentação e Análise dos protocolos C.A.T.....	27
4.2.1 Apresentação do C.A.T. seis anos.....	27
4.2.2 Análise das Imagos no C.A.T. seis anos .....	31
4.2.3 Apresentação do C.A.T. onze anos.....	32
4.2.4 Análise das Imagos no C.A.T. onze anos .....	36
4.3 – Análise das Entrevistas .....	38
4.3.1 – Entrevistas 6 anos.....	38
4.3.2 – Entrevistas 11 anos.....	39
5 – Sobre o que se pensa: Discussão.....	40
5.1 – Pensar sobre os seis anos.....	40
5.2 – Pensar sobre os onze anos .....	42
6 – Sobre uma dúvida: Conclusão .....	47
Bibliografia .....	49

## **1 – Sobre a Latência: Enquadramento**

### *Começando*

Com este trabalho pretendo observar a forma como se apresentam as imago parentais na fase de latência. A ideia do trabalho surgiu de uma dúvida: Como pode uma teoria baseada na sexualidade observar um período em que esta se ausenta e de que forma pensam as crianças que atravessam este período. Procurei através da introdução da figura de ídolo, observar nesta fase o que pode representar, e se poderá estar, de alguma forma, interligada com as imago parentais. Inicialmente procuro pensar sobre a latência integrando o Desenvolvimento Psicosexual, abordo as Figuras Parentais em geral de forma a abordar a Imago Materna e Imago Paterna terminando com as Problemáticas no desenvolvimento infantil.

### *1.1 – Desenvolvimento Psicosexual*

Freud descreve quatro fases no desenvolvimento sexual. Primeiro há a fase pré-edipiana, que prepara a criança para o Complexo de Édipo (C.E.). No complexo de Édipo positivo a criança desenvolve sentimentos de amor pelo pai do sexo oposto e sentimentos hostis pelo pai do mesmo sexo, estes sentimentos face aos pais são invertidos no C.E. negativo. Em terceiro lugar o complexo resolvido dá lugar à tomada de posse do superego que leva à fase de latência (F.L.), terminando a última fase segundo Freud, durante a puberdade, com a reativação do C.E. influenciando a sua sexualidade futura (Fuchsman, 2001)

Para Freud (1905, cit por Fuchsman, 2001), a vida sexual surge então em dois momentos, aos 5 anos no Complexo de Édipo e outro momento na puberdade, onde o complexo é reativado, sendo a fase intermédia ausente de sexualidade, a fase de latência. A latência pode ser observada, de acordo com Waddel (2002), como necessária para poupar recursos para a grande mudança psicosexual, sendo o mais importante desta fase o baixar destas emoções. Na puberdade os impulsos sexuais surgem novamente e a criança inicia a procura de relações de objetos de amor fora do casal parental, de onde se pode observar uma transferência das emoções do período edipiano para os parceiros românticos (Freud 1905, cit por Becker, 1974). Freud (cit por Waddel, 2002) acrescenta que a resolução do C.E. surge da retirada de ligações libidinais e agressivas para com os pais, apresentando uma forma de preservar as figuras parentais

nos processos de introjeção. As partes de amor e encorajamento tornar-se-ão no Ego Ideal e as partes punitivas, ameaçadoras e castradoras no Superego. Refere ainda que estas imagens parentais carregam o peso das introjeções boas e más, que a criança fez para este pai e mãe sendo estas projeções novamente introjetadas aquando da introjeção das imago parentais. A identidade da criança forma-se neste ponto de vista, através das imago parentais (introjetada) e o C.E. demonstra-se novamente importante por influenciar estas imago.

### *1.2 – Latência*

O terceiro período descrito por Freud (1924), sobre o qual me debruço neste trabalho, é referente à culminação do C.E. e à sua resolução primária, havendo duas causas complementares, para esta resolução, a ontogenética e a filogenética. A primeira terminará o complexo pela sua falta de sucesso, que advém dos conflitos internos que o sujeito experiencia, provenientes de sentimentos ambivalentes face aos seus pais. A segunda resolve o complexo, uma vez que este chegou ao seu estado final de desenvolvimento, sendo o processo comparado à queda/mudança dos dentes de leite, pela sua finitude temporal.

Assim o objeto de amor edipiano é abandonado, pelos sentimentos de traição, substituição, rejeição e desespero, afastando-se a criança do pai do sexo oposto como objeto de escolha, encontrando um substituto para este objeto. O medo de castração juntamente com a proibição sentida pela criança sobre o incesto será então internalizada, partindo da autoridade dos pais introjetada no ego do sujeito. Esta internalização forma o núcleo do superego, que perpetuará a proibição do incesto, sendo o C.E. dessexualizado, passando a emergir apenas emoções, impulsos e afetos. Desta forma, o processo sexual chegará a um impasse, atingindo a criança a fase de latência (Fuchsman, 2001).

Sabemos que o período de latência conserva ainda para a criança partes do conflito edipiano, no qual, a sua repressão, ainda não é inteiramente segura. A culpa e a angústia de castração que a criança sente no C.E. ainda estão presentes, pelo que esta procura formas diferentes de realizar as suas pulsões evitando ao mesmo tempo os sentimentos de proibição característicos do C.E. Nesta altura o superego já se encontra internalizado, sendo que a criança passa a assumir alguma independência da família relacionando-se, fora desta, mais livremente com pares ou adultos. Sabe-se que a F.L. é também caracterizada por uma nova capacidade de simbolização. Através desta é

possível que os sentimentos de culpa e de desconforto sejam atenuados, sendo os impulsos então simbolizados e realizados pela forma de fantasias (Clowes, 1996).

Também Sarnoff (1987, cit por Clowes, 1996), afirma ser característico da criança nesta fase (de latência) o desenvolvimento de fantasias sobre experiências que procura atingir. A adolescência mantém, para Freud, afetos fortes, expressos através de fantasias, combinando a necessidade do adolescente na fase de latência de se afastar dos pais, de se tornar independente, e transferir a sua libido das figuras parentais para as figuras da sociedade (Fuchsman, 2001). Uma vez que a libido é transferida das figuras parentais, nota-se importante observar que características podem conter estas figuras e o papel que representam na construção psíquica da criança.

### *1.3 – Figuras Parentais/Imagos*

Estas figuras parentais estão distinguidas na psicanálise entre materna, paterna e casal parental, tendo Jung (1911, cit por Laplanche e Pontalis, 1967) introduzido o conceito de imago. As imagos surgem das primeiras relações inter-subjetivas da criança com o meio familiar, mas têm origem tanto da realidade externa como da fantasmática da criança (Laplanche e Pontalis, 1967). Freud e Jung (cit por Aleixo, 1999) descrevem ainda que estas imagos são elaboradas, na infância, com base nas percepções face aos pais reais em conjunto com os desejos e projeções da criança. A imago ocorre assim de forma independente da representação objetiva da realidade, por exemplo da verdadeira mãe, sendo uma representação subjetiva face à realidade que é construída de forma inconsciente, no mesmo exemplo as vivências/experiências subjetivas da criança face à mãe (Pieri, 2002). Assim dois filhos terão imagos maternas diferentes, apesar da mesma mãe da realidade externa, uma vez que a sua experiência com esta mãe será subjetivamente diferente. As imagos de acordo com Jung (cit por Pieri, 2002), são representações subjetivas face aos genitores que mantém a sua importância psíquica e uma durabilidade influente na criança.

Kohut (1971, 1977, 1984, cit por Morrison, 2009) afirma que a criança pode observar a imagem idealizada parental como uma fonte de força, conforto e poder, demonstrando assim como esta terá uma forte importância psíquica. Esta imagem idealizada é nomeada por Kohut como a imago parental idealizada. O autor (cit por Aleixo, 1999) afirma que esta imago idealizada surge do narcisismo originário da criança, explicando que perante falhas inevitáveis dos pais o narcisismo primário será

perturbado, esta perturbação levará a novos sistemas de perfeição. Freud (1933/1969 cit por Aleixo, 1999) acrescenta ainda que é esta imagem idealizada que se tornará no Ideal do Ego do sujeito, se existirem condições favoráveis para tal.

Observa-se, tal como no complexo de Édipo, que também as imagos advêm desta relação da criança com o meio familiar. Contudo o conceito de complexo fala desta relação debruçando-se no efeito que esta situação interpessoal e dinâmica tem sobre o indivíduo. Já o conceito de imago é referente à sobrevivência imaginária no sujeito dos participantes desta situação, sendo cada imago referente a uma figura singular (Laplanche e Pontalis, 1967). Holmes (2009) apresenta ainda a possibilidade da introjeção da imago de um pai influenciar e alterar a imago de outro. Por exemplo, uma rapariga numa pré-identificação primitiva da sua mãe teria uma imago desta como uma mulher com poder, com “seios fálicos”. A introjeção do pai, numa fase posterior, altera esta imago materna, uma vez que surge um novo poder, que altera o da imago materna. Acrescento ainda, que as imagos influenciam como o sujeito observa o outro e a forma como o apreende, uma vez que são representações inconscientes que surgem na relação do sujeito perante um outro. É possível observar estas imagos em sentimentos, comportamentos ou ainda em imagens que o sujeito aperceciona (Laplanche e Pontalis, 1967). Aleixo (1999) refere ainda que a imago representa um dos alicerces para o psiquismo humano tendo um papel de construção e reconstrução deste. Freud (1912, cit por Rawn, 1987) apresentou a transferência de imagos parentais como um deslocamento inconsciente destas para figuras atuais. Assim pensa-se ainda a transferência como algo que engloba defesas, valores, desejos e medos, todos elementos que surgem de um passado.

Na presente literatura apresenta-se difícil abordar de forma direta as imagos parentais, pelo que me orientei pela análise das solicitações latentes das provas C.A.T. e Rorschach respetivas a este tema, aproveitando ainda uma descrição das funções parentais de dicionários de psicologia.

#### *1.4 – Imago Materna*

Assim através do manual do C.A.T. (Boekholt, 1993), é possível de se pensar a imagem materna numa relação de gratificação ou frustração. Estas representações, na ordem da oralidade, e inconscientes, surgem da relação com uma mãe alimentadora que pode cumprir esta função levando a sentimentos de gratificação por parte da criança ou

pode desviar-se desta função levando a frustrações. Também no mesmo manual, é possível observar-se outro tipo de conflito com a figura materna, a autonomização versus a dependência. A figura materna pode facilitar o processo de autonomização, por exemplo através de uma base segura, ou dificultar, por exemplo através da imagem de um exterior ameaçador. As vicissitudes nos procedimentos de separação/individuação do filho surgem então relacionadas à relação com a imagem materna e a (im)possibilidade de independência que desta relação surge (Boekholt, 1993). Também no manual de Traubenberg (1984) é possível de se observar, colocado em problemáticas mais arcaicas, uma imago materna com fantasmas de relações simbióticas, fusão dolorosa ou separação impossível, na mesma linha, acima referida, de (im)possibilidade de independência proveniente desta relação. Traubenberg (1984) sugere ainda que é possível de se observar a imago materna em temas alimentares ou sobre água. O Dicionário de Psicologia de Doron e Parot (2001) aborda ainda o tema do materno enquanto “maternagem” compreendendo os cuidados desta figura como a base indispensável para o desenvolvimento físico e psíquico. Assim os cuidados de uma figura materna englobam estimulações diversas da criança por parte da mãe, numa relação com base no amor, intrínseco a esta figura face à sua progenitura. Esta figura remete, por norma, a este sentimento como a base da relação que se desenvolve através do amor materno. Winnicott (cit por Houzel, Emmanuelli e Moggio, 2004) observa ainda na função materna uma compreensão intuitiva com a criança capaz dar sentido, por exemplo ao diferenciar no choro as diversas necessidades do filho. O autor acrescenta ainda uma capacidade de empatia que observo interligada com os elementos neste parágrafo destacados, em especial com o amor.

### *1.5 – Imago Paterna*

A imago paterna surge na análise do C.A.T. (Boekholt, 1993) com atributos de força e poder. Assim, por exemplo o Cartão 3 remete para uma imagem paterna de poder fálico e potente, na qual surge uma dialética de potência/omnipotência ou de dominador/dominado. Traubenberg (1984) fala do simbolismo da imagem paterna, no Cartão IV, também nesta perspectiva de força ou potência, onde a imagem paterna tem assim a força da lei, da autoridade. É possível observar em Lacan (cit por Delourmel, 2013) um pai simbólico, com um registro de privação e frustração na relação mãe-criança. Este registro surge, a meu ver, do poder que esta figura contém e da forma

como a sua presença contém essa força da lei. Lacan (cit por Delourmel, 2013) acrescenta ainda que através da presença simbólica da imagem paterna que a criança passa de ser algo, numa união com a mãe, para ter algo, uma relação com a mãe. Boekholt (1993) aborda ainda, relativamente ao Cartão 7, a castração e o receio desta agressividade, que se insere nos tópicos acima referidos. Beetschen (2013) também aborda o pai como um inibidor ou terçador, também através do poder que este simboliza. A função paterna surge neste caso como oposição à descarga das pulsões da criança, oposição esta que levará a movimentos de inibição, sublimação de entre outros em relação a estas pulsões proibidas, ajudando ainda na construção de fantasmas. Villa (2013) explica que a recusa da posição passiva surge de uma rebelião contra o falo paterno, por outras palavras, que a criança se rebela contra o poder (simbólico) do pai e abandona, ao ter este movimento, uma posição exclusiva de passividade. Este poder simbólico do pai é descrito por Doron & Parot (2001) que assumem o conceito “pai” não enquanto progenitor, mas enquanto um símbolo que detém no seu conceito uma potência fálica e que leva às possibilidades e dificuldades acima abordadas. Não só como potência fálica, é possível observar ainda como funções paternas (Houzel, Emmanuelli & Moggio, 2004) o desenvolvimento motor, o “agir” da criança. Assim as suas funções compreendem de entre outros aspetos o desenvolvimento lúdico e as atividades neste subjacentes, o envolvimento psicomotor ou ainda o desenvolvimento da função exploratória.

### *1.6 – Problemáticas por Idade*

Abordarei ainda, de forma breve, as problemáticas divididas por idades de acordo com Traubenberg (1984), a fim de se poder observar a relevância destas imagens parentais e a sua influência ao longo do desenvolvimento infantil. As problemáticas que irei descrever são relativas aos “normativos” de cada idade, como a autora os descreve.

Assim, como problemáticas entre os 4 e os seis anos é possível de se observar que nos rapazes, face à imagem paterna, os principais conflitos se prendem a sentimentos de angústia de castração e rivalidade com esta imagem. Já a imagem materna é alvo de reivindicação afetiva, por parte dos rapazes desta idade, que se deparam com o seu conflito edípico. Por outro lado, as raparigas desta idade apresentam temor e desejo ao mesmo tempo face à sua imagem paterna e sentimentos de ambivalência para com a imagem materna.

Dos seis aos 8 anos, observa-se em ambos os gêneros, uma problemática proveniente da resolução do conflito edipiano na qual é procurada uma identificação sexuada e uma afirmação do próprio. A expressão desta problemática não acarreta, para estes “normativos” uma angústia não dominada, havendo uma luta que procura manter um nível estrutural já evoluído. Nesta idade já se encontra presente uma imagem de si, que procura ser afirmada e é comum que esta imagem já esteja sexuada. Contudo, para alguns, denota-se incertezas face à afirmação de si, observáveis em posições de sobrecompensação ou de dependência. A autora apresenta a imagem paterna com carga fantasmática forte em ambos os gêneros surgindo os temas de forte/fraco ou potência/impotência, que acima referi em relação à imago paterna, para os rapazes surge ainda a rivalidade face a esta imago. Esta imago é representada de forma perigosa pela sua potência fálica, que se apresente de um modo mais arcaico que a imagem fálica do período anterior (C.E.). Assim é possível observar nesta idade uma suscetibilidade a símbolos de poder, por exemplo força, potência ou agressividade, surgindo movimentos de distanciação através de minimização, evitamento ou até negação deste poder. Já a imago materna surge também de formas mais regressivas que possibilitam sentimentos de securização, sendo a imagem materna representada a um nível mais simbólico. Separando por gêneros observa-se ainda face à problemática proveniente do conflito edipiano nos rapazes angústia de castração e nas raparigas um certo temor da imagem viril.

Por fim, dos 8 aos 10 anos a temática que é evocada surge com simbolismo sexual e num nível fálico-edipiano, no qual há diferenciação das imagens parentais e estas já se encontram sólidas, sendo raro alterações. Nos rapazes surge ainda a procura da afirmação de si, procurada nesta idade através da sua potência e na competição. A angústia de castração continua a ser uma problemática que procuram dominar, havendo uma procura de confronto com uma imagem paterna muito valorizada, contudo sem procurar uma rivalidade frontal. Já as raparigas desta idade lidam com a imagem viril de forma diferente da fase anterior, procurando seduzir esta figura e posicionando-se deste modo com a imagem viril. Há ainda uma procura de valorização narcísica do que apenas o feminino pode realizar junto ao masculino, estando esta valorização relacionada com a nova posição de sedução.

## **2 – Sobre o que se pretende: Objetivos**

Recapitulando, com este trabalho pretendo observar a forma como se apresentam as imago parentais no início da fase de latência e no final desta. Procurei com a introdução da figura de ídolo, observar o que representa nesta fase, e se está de alguma forma interligada com as imagos parentais. Assim, numa fase posterior à análise irei ainda debater se será possível que nesta fase haja alterações na escolha do objeto sexual e se estas podem ser pensadas em relação com a fantasia, por exemplo numa figura de ídolo. Julgo poder observar algum tipo de deslocamento das imagos inconscientes para uma fantasia consciente sobre um herói. Procuo observar que características surgem neste herói, tanto a nível consciente como inconsciente, e que função realizam estas características nos sujeitos de acordo com as suas problemáticas e resolução e recalçamento do Complexo de Édipo. Estes objetivos parecem-me importantes por ser possível de deduzir uma resposta à minha dúvida inicial: Como pode uma teoria baseada na sexualidade observar um período em que esta se ausenta e de que forma pensam as crianças que atravessam este período.

Concluindo, o objetivo do presente trabalhos é: Observar como se apresentam as imago parentais na fase de latência, o que pode representar a figura de ídolo e finalmente que relação têm estas duas representações e qual o seu impacto na psicosexualidade nesta fase.

### **3 – Sobre como foi abordada a latência: Metodologia**

#### *3.1 – Participantes*

Os participantes selecionados têm idades compreendidas entre os seis anos, início da fase de latência, e onze anos, final desta. Os participantes de seis anos frequentavam uma escola de ensino básico, contando com a participação de uma turma de 19 alunos do primeiro ano. Para o final da latência, onze anos, contei com a participação de uma sala de atividades extracurriculares, tendo a turma que participou no estudo seis alunos.

Como critério de inclusão defini as idades e a pertença a uma família nuclear. No grupo de onze anos, no entanto, como tinha apenas seis alunos não foi possível selecionar os participantes, contando com a colaboração de dois alunos com pais divorciados, mas certificando-me que mantinham contacto com ambas as figuras parentais.

Todos os alunos com consentimento informado participaram na realização do Desenho. Apenas seis alunos, por turma, foram selecionados para a realização da entrevista e para a aplicação do C.A.T. Foram selecionados seis alunos de forma aleatória na turma de seis anos, com exceção do segundo critério de inclusão. Na turma de onze anos, não houve possibilidade de selecionar os alunos uma vez que eram apenas seis. Foi ainda possível realizar estas duas provas com três participantes de cada género, em ambos os grupos.

#### *3.2 – Instrumentos*

Escolheram-se três instrumentos que melhor se adequam aos objetivos delineados para o presente trabalho. Em primeiro lugar um Desenho coletivo contando com a participação de todos os participantes da turma, em segundo lugar a prova projetiva C.A.T. e por fim uma curta Entrevista.

##### *3.2.1 – Desenho*

Em primeiro lugar procurou-se criar uma matriz grupal, que possibilitasse analisar os aspetos que seriam destacados, em ambas as faixas etárias (Anexo 1, 2, 3 e 4), para uma figura de ídolo. Uma vez que o conceito de ídolo poderia surgir de forma estereotipada e os atributos destacados serem influenciados, procurou-se desenvolver um instrumento

que remetesse para esta temática mas de forma menos focada e mais projetiva. Assim surgiu a ideia de pedir a cada grupo, para realizar o Desenho de um Herói, que se julgou menos estereotipado, e pediu-se para destacar aspetos das características deste herói. O desenho surge também como um elemento projetivo, respeitando os pressupostos que abordarei no capítulo Procedimento de Análise dos dados. De forma abreviada, combinar o fantasma com a realidade da tarefa. Desta forma é possível inferir o fantasma, proveniente das imagos e o desejo inconsciente colocado nos elementos da figura de Herói desenhada. No presente trabalho foi utilizada uma técnica de desenho algo diferente do habitual, uma vez que foi pedido um desenho em grupo. Esta tarefa implicou que não surgisse apenas um fantasma por parte do artista, mas sim uma interação destes fantasmas entre os elementos da turma.

### 3.2.2. – C.A.T.

Em segundo lugar utilizou-se o teste temático C.A.T. (Children Apperception Test) (1947) (Anexo 5 e 6). Este teste não é por norma utilizado a partir dos 9 anos, uma vez que esta idade compreende outros conteúdos para análise, contudo como o foco da presente análise são as imago, apresenta-se como melhor instrumento para a recolha destes dados, em detrimento do T.A.T.. O teste requer a elaboração de uma história para cada um dos 10 Cartões apresentados numa ordem prévia. Os Cartões remetem para situações na relação com as figuras parentais, abordadas e focadas de forma diferente por Cartão. Através da aplicação desta prova será possível observar elementos dos participantes na relação com as figuras parentais, de onde se pode ainda obter dados face às imagos que surgem nas narrativas.

### 3.2.3 – Entrevista

Por fim a entrevista individual procurou explorar quais os aspetos realçados no herói desenhado na atividade de grupo, entrevistando 6 alunos com seis anos (Anexo 7) e seis alunos com onze anos (Anexo 8). As entrevistas foram conduzidas com base em Kvale (1996), procurando que estas fluíssem ao ritmo do entrevistado e com a menor intervenção possível por parte do entrevistador. Este instrumento foi pensado de forma a complementar os dados obtidos no Desenho do Herói, com a perspetiva individual dos participantes entrevistados.

### *3.3 – Procedimento de Recolha*

Foi possível nos dois grupos entrevistar e aplicar o C.A.T. a três rapazes e três raparigas por faixa etária. Todos os participantes do estudo receberam previamente uma carta de consentimento informado (Anexo), tendo participado apenas estes alunos no estudo. Apresento agora o procedimento de recolha seguindo a ordem Desenho, C.A.T. e Entrevista.

#### *3.3.1 – Desenho*

A disposição do espaço para o Desenho do Herói, procurou facilitar a comunicação entre os vários participantes, foram colocadas mesas com cadeiras ao seu redor. Estando os participantes sentados num círculo com o material de Desenho no centro. O material de desenho foi conforme o disponível na sala, assim para os seis anos havia lápis de cor, contudo nos onze anos ninguém tinha lápis para além de carvão. A instrução para a realização do Desenho foi “Vou-vos pedir para em grupo desenharem um herói inventado por vocês. Cada elemento que desenharem tem de ter surgido de vocês como grupo e a maioria tem de concordar em acrescentá-lo.” Em ambas as situações foi desenhado primeiro o herói e posteriormente atribuídas as suas características. A diferença de idade dos participantes nos dois grupos, levaram à necessidade de readaptar algumas instruções de forma a ser possível a realização do desenho contendo a participação de todos os elementos do grupo.

#### *3.3.2 – C.A.T.*

A prova C.A.T. foi realizada numa sala privada, com um participante de cada vez. Cada aluno foi chamado individualmente em ambos os grupos. Os alunos de seis anos foram chamados pela sua professora, que os escolheu de forma aleatória com exceção do segundo critério de inclusão antes referido, os alunos de onze anos escolheram a sua ordem. Os alunos realizaram previamente a esta prova a Entrevista, pelo que foi referido que seriam gravados novamente de acordo com os mesmos pressupostos, que refiro no próximo parágrafo. Foi explicado que seria pedido para contar uma história por cartão, podendo esta história ser como o participante quisesse, não havendo nunca respostas erradas, foi ainda perguntado se ainda existiam dúvidas e estas foram esclarecidas quando surgiram. A aplicação do C.A.T. decorreu sendo

apresentado um cartão de cada vez, passando ao próximo perante o final de cada narrativa.

### 3.3.3 – *Entrevista*

A entrevista sobre o desenho foi realizada na mesma sala privada, acima mencionada. Tal como na realização da recolha de dados do C.A.T., cada aluno foi chamado individualmente. Antes da realização da entrevista foi explicado de forma breve o propósito da mesma e os participantes foram informados que iriam ser gravados e que estas gravações seriam mantidas anónimas e ouvidas apenas pelo investigador e respetiva orientadora. Surgiram dificuldades ao nível da participação dos participantes pelo que houve maior diretividade do que pretendido inicialmente, contudo procurei guiar o menos possível o discurso, mas nem sempre com sucesso. No final de cada entrevista foi agradecida a participação e houve espaço para responder a dúvidas ou comentários por parte dos alunos.

## 3.4 *Procedimento de Análise*

Antes de abordar os procedimentos de análise julgo importante situar os instrumentos nos seus fundamentos teóricos, no qual se inscrevem como provas projetivas de criação temática. O primeiro parágrafo aborda o porquê do interesse neste material projetivo e o segundo sob que forma surge este material, voltando a remeter para que elementos são de interesse científico.

### 3.4.1 *Pressupostos teóricos*

Assim de acordo com Boekholt (1993), uma criação temática é observada como o resultado de uma negociação entre os contributos fantasmáticos do sujeito, combinados com os constrangimentos do real. Ou seja será uma dialética entre moções do inconsciente provenientes do fantasma, denominado de processo primário, combinados com as exigências do sistema percepção-consciência, processo secundário. Estes dois processos levarão o sujeito a um trabalho que resulta de uma tripla atividade, *perceber* o material real e a tarefa a realizar, *representar* esse material na realidade interior do sujeito e por fim *simbolizar*, ou seja criar um tipo de resposta que englobe os

dois pontos anteriores. Por exemplo no C.A.T. é necessário perceber que se deve criar uma história com base na imagem apresentada, o participante representa os elementos que aperceciona da imagem na sua realidade interior (por exemplo ao observar a imagem de uma mãe esta é representada em relação com a sua própria imagem materna inconsciente) e por fim simboliza estes elementos através de uma narrativa que tem por base o que aperceciona da imagem do cartão juntamente com a representação da sua realidade interior desses elementos apercecionados na imagem. A autora discute ainda que as provas temáticas, por sugerirem situações relacionais (mais ou menos explícitas), confrontam o sujeito com a reativação de conflitos internos. Esta reativação mobiliza a agressividade e libido em relação ao tema e situação relacional. Tanto a libido como a agressividade libertam energia pulsional, que resulta numa sobrecarga fantasmática que o sujeito terá de gerir, entenda-se esta sobrecarga fantasmática como o afeto que ela suscita. Juntamente com a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional reativada e por fim as suas variações intra-subjetivas (Boekholt, 1993). O interesse nestes conteúdos fantasmáticos surge pelos dados que estes permitem interpretar e analisar.

Shentoub et al (1999), distinguem o termo fantasia, de *fantasia consciente induzida*. Segundo os autores a fantasia pode ser observada como um produto imaginário descontrolado, proveniente de uma fantasia inconsciente ou do fantasma, próximo do processo primário. A *fantasia consciente induzida* é dada com base num material, mais ou menos estruturado, como no caso do C.A.T., que é produzida a pedido de um outro. A relação entre ambas as fantasias é a elaboração consciente, tendo a fantasia mais processo primário e um grau menos avançado de elaboração consciente do que a *fantasia consciente induzida*. O fantasma, acima referido, é também descrito por Laplanche e Pontalis (1967, cit por Shentoub et al, 1999), como uma realização de um desejo (inconsciente) pelo sujeito. Mostra-se importante referir que esta realização aparece sempre contendo uma deformação em maior ou menor grau, dependendo dos processos defensivos. Por outras palavras, o fantasma surge nas fantasias com diferentes apresentações ou disfarces, que, por sua vez, permitem esse grau menos ou mais avançado de elaboração consciente. Sabendo então que o fantasma é mascarado pelo conteúdo manifesto, pode-se pensar que este nunca é acedido por um sujeito que não seja capaz de ter uma atitude analítica face ao seu discurso, uma vez que esta permite aumentar a elaboração consciente do próprio sobre a sua fantasia. Já para o investigador é também necessário uma atitude analítica para o poder pensar, sendo o

fantasma inferido através de um material parcial e específico, como na observação do Desenho ou nas narrativas do C.A.T. ou através de múltiplos e diversos dados combinados. No presente estudo este fantasma interessa por possibilitar inferir, na fantasia que surgir, os elementos da relação do sujeito com os seus objetos interiores, as suas imagens, e do desejo inconsciente que surge perante uma temática, sendo ainda objeto de análise menos detalhada os motivos de defesa face à temática (Shentoub et al. 1999).

#### *3.4.2 – Desenho*

No Desenho será exposto como decorreu a sua realização em ambos os grupos. De seguida será abordado que aspetos surgiram na imagem e que características foram destacadas. Por fim o instrumento será analisado observando que aspetos remetem para uma figura idealizada, aspetos estes observados no Desenho e nas características. Será abordado em primeiro lugar o Desenho de seis anos, contemplando as três etapas acima expostas, seguido da análise do Desenho de onze anos.

#### *3.4.3 – C.A.T.*

Os protocolos C.A.T. foram analisados de acordo com Aleixo (1999), os dados foram abordados em categorias de análise face: às figuras presentes, ou seja as personagens nomeadas na narrativa da criança mesmo que não figuradas no cartão; o tipo de relação estabelecida entre estas personagens; os atributos, ou seja o que pode ser observado nas narrativas como qualificador de características das personagens; por fim os afetos, abordados neste caso em relação às figuras paternas e à relação afetiva que desta ocorre. O procedimento da análise dos resultados no C.A.T. irá abordar num primeiro momento os Cartões dividindo-os em Materno, Cartão 1, 4, 9 e 10; Paterno, Cartão 3 e 7; e Casal Parental, Cartão 2, 5, seis e 8. A análise abordará primeiro os participantes do género feminino seguido do género masculino, fornecendo alguns exemplos, para ilustrar o que é destacado. Num segundo momento será elaborada uma análise global, com base no procedimento acima exposto, que contempla os dados obtidos face: à imagem materna; imagem paterna; e casal parental. A análise descritiva debruça-se num primeiro momento com os participantes femininos de seis anos seguidos dos participantes masculinos, num segundo momento a mesma ordem para os participantes de onze anos.

#### *3.4.4 – Entrevista*

Por fim a Entrevista será abordada em relação com a análise do Desenho, com ênfase nas características destacadas pela turma, na forma como surgem no discurso individual de cada sujeito. A análise das entrevistas irá abordar quais os conteúdos mais enfatizados pelos alunos numa situação individual. Novamente elaborando em primeiro lugar o grupo de seis anos e posteriormente o grupo de onze anos.



## **4 – Sobre o que se viu na latência: Apresentação e análise dos dados**

### *4.1 – Apresentação e Análise dos Desenhos*

#### 4.1.1 – Realização do desenho nos seis anos

Nos seis anos surgiu uma dificuldade de desenhar o herói em grupo, tendo os primeiros dois alunos desenhado de forma individual. Perante esta dificuldade, optei por pedir: “Cada aluno desenha então um elemento. Pergunta aos colegas o que acham que deve desenhar e só o pode desenhar se a maioria concordar.”

O debate das ideias em grupo assumiu um padrão, o aluno que ia desenhar perguntava ao grupo o que iria ele desenhar agora, surgia uma ideia por parte de um aluno e normalmente surgia uma outra ideia de um outro aluno. Os restantes alunos demonstravam a sua concordância com uma ideia repetindo-a em voz alta de forma contínua até eu acabar por intervir, quando já todos os alunos gritavam a sua palavra repetidas vezes.

Apontei duas ideias que surgiram e que foram aceites de imediato pelos restantes alunos. A primeira ideia imediatamente aceite foi uma “boca de vampiro”, perante a tarefa de desenhar, o aluno perguntou como faria uma boca de vampiro, um aluno sugeriu “dentes de vampiro” e novamente todos concordaram dizendo sim. A outra ideia imediatamente aceite foi os “sapatos voadores”, toda a turma disse que sim. Novamente surgiu a dúvida no aluno de como o iria fazer, desta vez surgiram duas ideias para os sapatos, um aluno sugeriu “põe com asas” e alguns alunos aceitaram, depois outra aluna sugeriu “com fogo”. Debateram estas duas ideias, passado algum tempo os alunos pediram para “por a mãe no ar”, o fogo teve maior número de votos e foi então desenhado.

Na parte final do desenho, quando faltavam apenas dois alunos desenharem foi bastante difícil chegar a uma coesão de grupo. As ideias que consegui apontar foram: Super-poderes; varinha; asas; poder de gelo; armadura; espada; poder de fogo; mandar lazer dos olhos; e ser um cientista e ter poderes por uma explosão, contudo surgiram mais ideias que não consegui anotar. Os alunos optaram por desenhar uma varinha e super-poderes, justificando que na varinha ele tinha vários poderes combinados e que os super-poderes serviam para fazer as coisas que a varinha não fazia, dando o exemplo de voar. Foi desenhado então uma varinha mágica e super-poderes de água, gelo, fogo e terra (sugeridos pelos colegas adjacentes ao aluno que desenhava).

Por fim as características atribuídas ao herói decorreram com os alunos levantando o braço perante uma ideia, a sua opinião era ouvida e reproduzida em voz alta de forma a todos poderem ouvir. Depois quem tinha outras ideias para complementar/substituir a ideia sugerida levantava o braço e propunha a sua. Perante várias sugestões para uma mesma característica foi escrito no quadro e relido duas vezes em voz alta (uma vez que frequentavam o 1º ano), por fim eram repetidas as várias ideias uma última vez e pedido para se levantar o braço para aquela que mais gostavam

#### 4.1.2 Conteúdos do Desenho seis anos

Destacarei num primeiro momento o que observo no desenho e de seguida o que observo nas características destacadas neste herói. O desenho produzido pela turma de seis anos localiza-se na parte inferior da página e retrata um herói do género masculino.

Um dos primeiros elementos que surge do desenho é a desproporção da cabeça, quando comparada ao restante corpo de uma estatura muito inferior ao tamanho da cabeça. A tonalidade do desenho também sobressai, pelas cores vermelha e laranja de vários elementos do desenho. Esta tonalidade foi decidida e escolhida pelo grupo, que debatia vários tópicos somente com foco na cor que estes teriam, como foi o caso da capa, cabelo, luvas de boxe, cara, de entre outros.

Face ainda aos elementos que se observam pertencentes ao herói retratado, observa-se os poderes deste. Os seus super-poderes são relativos a quatro elementos: água, gelo, fogo e terra, notando-se a substituição do elemento ar pelo elemento água numa nova forma, o gelo. O corpo da figura contém ainda dentes de vampiro, que surgem para representar uma *boca de vampiro*.

Como detalhes do desenho do herói, observamos que este possui uma varinha mágica e umas luvas de boxe, ambos os objetos são veículos que canalizam e simbolizam uma força. Juntamente com estes dois elementos temos o cinto de wrestling, contudo este apenas simboliza força e não a canaliza. Retratando também este simbolismo de força observamos a capa de herói, que tal como o símbolo do cinto confere um reconhecimento externo de uma característica do sujeito. Realço ainda que a capa é o único elemento verde. Por fim pode-se ainda observar no desenho os sapatos voadores, estes permitem ao herói a capacidade de voar que desta forma não lhe é inata.

Relativamente às características destacadas no herói, estas foram reagrupadas para o estudo em três grupos principais, respetivamente “Quem é”, “O que tem” e por fim “O que faz”. Este agrupamento procurou criar uma estrutura nas características que surgiram, mas sem as rotular de alguma forma, mantendo o conteúdo de origem.

Desta forma “Quem é” o herói destacado nos seis anos? É curioso de observar que esta categoria surge com apenas 3 elementos destacados. O herói é nomeado de João, um nome simples e conhecido e não foi atribuído um apelido. O nome de super-herói teve maior debate e no final de várias “votações” ficou entre ou *Super Salvador* ou *Leão da Luz*. Não houve um nome final pois senti a turma dividida entre ambos os nomes. Apreendemos ainda nesta categoria, que este herói é uma pessoa simpática, sendo esta, a meu ver, a única característica destacada nesta figura, com conteúdo interior.

Abordaremos agora a dimensão sobre “O que tem” este herói, reagrupada ainda em três grupos: “Família”; “Animais”; e “Objetos”. Assim, o herói tem uma família que o acompanha na sua vida diferente, uma vez que esta também é super-herói. Foram destacadas duas figuras, desta família para o herói. A primeira pessoa é a sua *mulher*, a *Mulher Elástica*, onde se observa novamente o acompanhamento da vida de super-herói, a segunda pessoa realçada na sua família é um *primo*. Para o herói, foram destacados pela turma alguns animais que o acompanham e ajudam. Assim João tem um *Leão de ferro*, observando-se outra vez o animal leão desta vez de ferro. A criatura *Pégaso* foi também atribuída, no sentido de auxiliar o herói a poder voar. Esta função, de voar, já se encontrava possível no herói (sapatos voadores) sendo assim um reforço. Diferente destas duas criaturas míticas surge um *gato* também atribuído ao herói e sem capacidades sobrenaturais. Para o herói são destacados ainda dois “Objetos”, ambos meios de transporte aéreo. Assim o herói tem um *carro voador que deita chamas* e um *helicóptero que lança chamas*, ambos estes veículos possibilitam novamente a capacidade de voar. Uma outra característica nestes veículos é lançar chamas, este elemento fogo pode ser observado em vários elementos desta figura e pode ainda ser interligado com a tonalidade vermelha ou laranja.

Por fim “O que faz” o herói foi dividido também em duas categorias, uma de ações consideradas “Normais”, ou seja que na realidade possam existir e de “Super-herói”, ou por excederem as capacidades humanas ou porque surgem dentro desta

categoria. A primeira categoria, não contém elementos atribuídos, sendo todas as ações destacadas deste herói num nível acima do “Normal”. Salvar pessoas inclui-se, a meu ver, no que designa um super-herói, e apresenta novamente esta função que o herói terá para com os outros, interligando-a com o seu nome *Super Salvador*. Um aluno da turma sugeriu que *quando está na lava salta para as pedras*, esta característica foi votada e aceite por parte dos restantes alunos, observo a lava e as pedras como sendo o mesmo material, apenas num estado diferente. O herói *consegue levantar um cristal*, como também *consegue comer cristais*, este elemento de cristal acarreta simbolismo de algo idealizado ou puro, que o herói consegue então manejar e introjetar. A capacidade de voar volta a surgir nas ações do herói, sendo desta vez referido que este *voa à velocidade da luz*, através das botas a jato. Por fim o herói *come e fica forte*, mostrando uma outra forma de introjeção, que aumenta as suas capacidades.

#### 4.1.3 Análise Imago Paterna

Passo agora a uma leitura simbólica do desenho, com base no exposto no enquadramento teórico face à figura paterna. Relembro que o pai, a nível simbólico, é observado como o detentor de uma potência fálica, com funções paternas no registo “agir” (Houzel, Emmanuelli & Moggio, 2004).

O herói representado nos seis anos assume um nome masculino (João), sendo possível também, observando a figura desenhada (Anexo), atribuir este mesmo género. A posterior análise foca-se em observar se este género é também mantido nos elementos observáveis no Desenho e nas características destacadas.

Assim, também as tonalidades de vermelho remetem de forma simbólica para o masculino, juntamente com o facto de ser casado com uma mulher e ainda com os seus nomes de super-herói, *Super Salvador* e *Leão da Luz*, que transmitem a potência e a força que este género representa. Podemos assumir que este herói representa o masculino, pelo que se denota importante observar se também assume um simbolismo paterno no desenho.

A potência fálica pode ser observada como uma força no agir e no poder de uma figura, que utiliza esta força de forma pulsional, como por exemplo de forma destrutiva ou castradora. No presente desenho observa-se este poder em diversos aspetos. A boca de vampiro acarreta consigo a característica de um ser com um poder acima do normal de forma destruidora, por exemplo ao sugar sangue. O poder da boca de vampiro foi

simbolizado através dos dentes, onde se pode imaginar uma imagem fálica, uma vez que estes foram retratados como pontiagudos, e têm como função a penetração. Os superpoderes também representam uma força pulsional e destruidora que volta a surgir na varinha mágica. Para além do poder contido na *Varinha*, também a sua forma nos volta a remeter para a imagem de um falo, como os *Dentes de Vampiro*. Para além deste poder de destruição, pode-se observar o simbolismo da força no herói através das *Luvas de boxe* e do *Cinto de Wrestling*, imagens que não surgem separadas de força e poder quando representadas. Observo novamente o simbolismo do vermelho e do fogo contemplados no herói várias vezes através do poder de fogo, do *Carro Voador que deita chamas*, do *Helicóptero que lança chamas* ou ainda nos seus sapatos voadores através de jatos de fogo. O fogo é símbolo do poder masculino contrastando com a água, como o masculino contrasta com o feminino. Fogo, a meu ver, é um elemento de potência fálica na sua existência, uma vez que este não existe a não ser no destruir (queimar) de algo. Remete ainda para um “agir”, em vez de remeter para o *ser* que está contido no elemento feminino contrastante (água).

Por fim observo esta dimensão do agir (masculino) de forma constante neste herói, remetendo inúmeras características e aspetos para esta dimensão. O herói apenas tem uma dimensão do *ser* (ele “é” simpático) sendo todas as restantes resultados de atos e ações. Este facto é observável pelo contraste entre as dimensões “Quem é” face a “O que tem” e “O que faz”, ou seja pela menor quantidade de atributos na primeira dimensão.

#### 4.1.4 – Realização do desenho nos onze anos

A tarefa proposta foi também neste grupo difícil de aderir inicialmente, neste caso porque ninguém queria desenhar. Por fim um rapaz decidiu que ia desenhar e começou a procurar que os colegas dessem ideias para o desenho. As ideias iniciais eram gozadas quando surgiam, o que me levou a intervir afirmando que não havia nunca nenhuma ideia errada, apenas se fossem características que já existiam de heróis conhecidos. A participação foi mais espontânea e surgiram algumas votações pelos participantes.

Um aluno disse que o herói deveria ser um rapaz, houve pouco consenso nesta parte na qual uma pequena maioria preferia que fosse rapariga. Foi debatido se o herói

poderia ser “menina e rapaz ao mesmo tempo”, até que o rapaz que desenhava optou que iria ser uma rapariga e não houve oposições.

Observei que surgiam discussões com rapazes de um lado e raparigas de outro. Já tinha sentido este movimento no grupo, através da escolha dos seus lugares ou de olhares trocados. Esta interação assumiu por vezes formas mais ténues, como um rapaz trazer uma nova característica terminando as críticas ao seu colega, como também formas óbvias como um comentário “Vocês rapazes são uns atrasados”.

Na discussão dos abdominais surgiu uma ideia de uma rapariga: “faz uma barriga grande”, esta ideia foi repetida mais algumas vezes, mas foi ignorada pelos rapazes, não sendo introduzida no desenho. Os sapatos voadores foram o último elemento desenhado e todos concordaram em acrescentá-lo, uma rapariga sugeriu que fossem “a jato” e todos concordaram de novo.

As características destacadas foram escritas por uma participante. Perante a redação da primeira característica (Simpática) o grupo debateu uma forma de organizar as ideias tendo criado as categorias: Psicológicas; Físicas; Gostos; e Sobre ela. As ideias foram surgindo e quando eram aceites debatiam em que categoria a escreviam, surgindo as duas últimas (Gostos e Sobre ela) da necessidade de mais categorias.

O nome da personagem foi o que teve maior confrontação, mas após um debate uma rapariga sugeriu “Leonor” e todos assentiram. Também o apelido foi várias vezes sugerido, até um rapaz ter sugerido o nome Provaktilov, e este foi aceite por ser fora do comum. O nome de super-heroína foi sugerido por um rapaz (Mulher Super Coração), uma rapariga gozou com esta sugestão, mas ninguém se opôs e foi aceite rapidamente. Foi acrescentado um coração, no peito do desenho da heroína e a colega que criticou o nome sugeriu que também devia ter o coração na sua capa.

O último elemento foi o *Vector*, que surgiu porque ela “precisa de um inimigo para ela”. O nome do inimigo também atravessou várias hipóteses até passar de Victor a *Vector* e todos concordarem. O seu poder (*controlar pessoas*) foi sugerido por uma rapariga e todos afirmaram que o devia escrever. A forma como a heroína fugia ao poder do *Vector* demorou algum tempo a ser debatida e na minha opinião houve membros que no final não concordaram com a ideia escolhida. Uma rapariga sugeriu que ela era demasiado esperta para ser controlada. Um rapaz sugeriu pouco depois que ela teria uns óculos que a protegeriam do poder. Ainda depois de se debater esta ideia surgiu, de uma rapariga, a heroína voar e fugir ao poder dele. Esta ideia foi de imediato contrariada pelo rapaz que sugeriu os óculos dizendo “Ela não lutava, passava a vida a

fugir!”. Contudo no final do debate foi a fuga ao poder do *Vector* através desta capacidade de voar a ideia aceite.

#### 4.1.5 – Conteúdo do Desenho onze anos

Face à análise do Desenho nos onze anos recorrerei ao mesmo método, em primeiro lugar analisarei o conteúdo observável no Desenho realizado e num segundo momento serão analisadas as características destacadas no herói. Na turma de onze anos, perante a tarefa de destacar características no herói surgiu um agrupamento em quatro grupos: Psicológicas, Físicas, Gostos e Sobre ela. Para a análise apenas deste Desenho utilizarei a estrutura desenvolvida pelos participantes e num momento comparativo irei utilizar o agrupamento das características, igual ao do Desenho dos seis anos. O Desenho, realizado pelos participantes de onze anos, retrata uma mulher, heroína e localiza-se acima do ponto médio da página.

Em primeiro lugar, face ao corpo da personagem, é possível observar dois braços compridos e ondulados. Estes foram desenhados desta forma para demonstrarem o poder de elasticidade da heroína. É curioso observar os braços como se estivessem estendidos para um abraço. Contrastando com a flexibilidade do poder da elasticidade surgem as “pernas de pedra”. A heroína surge assim numa ambivalência entre a sua elasticidade no topo do corpo e rigidez na parte inferior. Não observo esta rigidez como anuladora da flexibilidade mas como uma base fixa e estável. Por exemplo os sapatos voadores demonstram como esta rigidez é passível de coexistir com as suas restantes características, conferindo estabilidade ao mesmo tempo que permitem movimentação e adaptação. Ainda relativamente ao corpo da heroína surgem os seus abdominais, os participantes fizeram foco nesta característica dizendo até que devia ser um herói “musculado e abdominado”. Os músculos que aqui surgem, conferem a força que a personagem consigo acarreta.

Face aos atributos destacados, em primeiro lugar surge então uma categoria “Psicológica” da heroína. Esta é referida como uma pessoa *Simpática, Bondosa, Amorosa e Amigável* sendo possível de a observar com conteúdo interno, uma vez que a heroína é apresentada com características próprias suas. Realço contudo que estas características aqui referidas são de relação da heroína face a outros. De uma forma idealizada é possível ainda de as observar como características de uma mãe ideal, que permite e aceita o outro, procurando entrar numa relação de empatia e acolhimento.

Ainda nesta categoria “Psicológica” é destacado o facto de ser *Super-heroína*, atribuindo assim uma forma de pensar e agir da personalidade da heroína. Por fim nesta categoria observo o facto de ser *Esperta*, como uma característica importante para a fase de latência. Esta característica volta a surgir mais tarde noutras dimensões do que foi destacado sobre esta heroína.

As características que abordarei neste parágrafo foram destacadas para a categoria “Física”. A *Elasticidade* é realçada na personagem, uma vez que já tinha surgido no desenho e é agora repetida nos atributos físicos, como não sucede por exemplo com as “pernas de pedra”. Observo então importância atribuída à elasticidade da personagem, que se pode observar como poder principal. As restantes três características desta categoria são ser *Esquerdina*, ter *Cabelo azul e liso* e *Olhos verdes*. Estas parecem-me em torno da diferença para com os outros, para algo não vulgar ou fora do habitual.

Aprofundando o conteúdo da heroína surge uma categoria nomeada por “Gostos”, que cria à partida uma dimensão interna sua. É referido que ela *Gosta do que faz*, surge novamente um atributo intelectual por *Gosta de estudar*, este gosto podia estar subentendido por já *Gostar do que faz*, sendo contudo realçado. Por fim nos “Gostos” da heroína surge a sua alimentação como *Vegetariana*, esta característica pode demonstrar novamente a diferença da personagem, até ao momento pelo aspeto e forma de escrever e agora também pelos gostos. É ainda possível de se pensar (*Vegetariana*) numa fuga à agressão oral, por não matar o que come, observando-se apenas funções de apoio/cuidado sem terem surgido quaisquer características contra algo ou alguém, exceto o *Vector*.

A última categoria, “Sobre ela”, demonstra novamente uma dimensão interior da personagem, já reforçada pela categoria “Psicológica” e “Gostos”. É atribuída uma idade à personagem, *18 anos*, que surgem, a meu ver, como uma idade barreira na nossa cultura depois da qual se passa a ser adulto e independente, mais ao nível simbólico que prático. O seu nome é *Leonor Provaktilov*, um primeiro nome habitual que se apresenta acompanhado por um nome fora do vulgar, que contribui para a sua diferença. Como super-heroína é nominada por *Mulher Super Coração*, observando-se uma possível idealização materna novamente. À heroína é atribuída uma família constituída por um pai, uma mãe e uma irmã gémea, observando-se uma dimensão humana sua, que não surge sem dois pais. Esta irmã gémea, contribui para realçar a diferença da heroína, uma vez que não é comum ter-se um irmão gémeo. Contudo a heroína surge ainda mais

diferenciada, mesmo perante uma pessoa que poderíamos pensar como igual, uma vez que a sua gémea não possui poderes. Leonor *estuda medicina*, sendo o seu foco universitário uma ciência que procura ajudar, contribuindo para a sua dimensão de apoio. A sua origem *é de outro planeta, mas ninguém sabe qual*, facto que interligo novamente com a sua diferença face aos outros. Ainda nos atributos, a heroína *vai à universidade no dia-a-dia* observando-se a dimensão intelectual novamente. Por fim *salva pessoas e a galáxia do Vector, que através da mente consegue controlar pessoas, mas ela não era controlada porque voava*. Observa-se a sua função de apoio, sendo este apoio diferenciado neste momento, face a uma entidade que obriga e retira liberdade. A heroína tem pela primeira vez comportamentos contra alguém, mas que surgem mantendo a função de apoio.

#### 4.1.6 – Análise Imago Materna

Analiso agora o desenho dos participantes de onze anos, também numa leitura simbólica, com base no exposto no enquadramento teórico face à figura materna. Esta figura, para Winnicott (cit por Houzel, Emmanuelli e Moggio, 2004) assume funções com base numa compreensão intuitiva e capacidade de empatia. Sendo ainda o materno observado com base no amor e amparo do outro. Observando-se características no domínio do *ser*, por exemplo ser compreensiva ou empática.

O herói representado nos onze anos assume um nome feminino (*Leonor*) e este género também se pode observar no desenho, pelo que a análise se prenderá novamente em observar se o herói (só) pode ser pensado como feminino.

Começo por abordar o *ser* feminino no desenho, de onde se observa que os seus dois poderes surgem nesta categoria, “sendo” *elástica* e de *pedra*. Os participantes destacaram na categoria “Psicológica” ser *Super-heroína* o que confere uma dimensão interior a esta característica. Também o seu aspeto é destacado num *Cabelo azul e liso* e *Olhos verdes* novamente elementos do *ser*, juntamente com ser *Esquerdina* e *Vegetariana*. Ao contrário do herói nos seis anos, é possível observar-se conteúdos interiores nesta figura, destacados na primeira análise do desenho. Observo esta dimensão interior interligada com um *ser feminino*. Quanto ao género parece então claro, não só pelo aspeto como também pelo conteúdo, que o desenho elabora uma figura feminina, irei então abordar se esta figura cumpre também funções maternas.

Para tal recorro à categoria “Psicológica” destacada pela turma, na qual Leonor é *Simpática, Bondosa, Amorosa e Amigável*. Estes atributos estão, a meu ver, intrinsecamente ligados com as funções maternas, idealizadas, de empatia e amor. O próprio desenho com braços abertos, lembrando um abraço, reforçam esta abertura e amparo do materno. Este amparo ou apoio materno, volta a surgir na profissão da heroína uma vez que *estuda medicina*, uma ciência que se prende no cuidar ou tratar de um outro. Também neste campo, ela *salva pessoas e a galáxia do Vector* voltando a observar-se uma prestação de cuidados maternos aumentados na idealização de ser Super-heroína. Como argumento final apresento o seu nome de herói, *Mulher Super Coração*, que não consigo separar do amor que surge na dimensão maternal.

#### 4.2 – Apresentação e Análise dos protocolos C.A.T.

##### 4.2.1 Apresentação do C.A.T. seis anos

Em primeiro lugar debruçamo-nos sobre os conteúdos latentes nos cartões que remetam para o materno, na faixa etária dos seis anos.

O primeiro cartão remete para a função alimentadora da figura materna. Esta função não é reconhecida pelas raparigas, por exemplo através do não reconhecimento desta figura no cartão. Já nos rapazes observa-se presente a função alimentadora da figura materna, com uma exceção. Observa-se ainda nos 3 casos uma ausência de relação com esta figura, por exemplo surgindo uma função super-egóica através da figura materna e não é elaborada uma relação.

O cartão 4 remete para uma relação de dependência/independência na relação com a figura materna, que se interliga com a possibilidade de um movimento de autonomização e diferenciação. As narrativas das raparigas surgem como fuga ao conflito proposto pelo conteúdo latente, maioritariamente através do recurso à realidade, com histórias coladas ao conteúdo manifesto. O mesmo se observa nos rapazes, a fuga ao conteúdo latente através, também na maioria, da descrição do conteúdo manifesto.

O nono cartão tem como conteúdo latente a solidão e os afetos depressivos ou sentimentos de abandono por parte desta figura. Duas raparigas apresentam estes sentimentos de solidão por abandono da figura materna, por exemplo através da introdução de uma mãe como fuga à solidão, numa rapariga surge este sentimento por abandono do casal parental. Nos rapazes este tema aparenta ser difícil de abordar, observa-se uma fuga ao latente, uma não abordagem do sentimento de solidão, surgindo em dois deles medo, um mais elaborado onde se pode deduzir medo da situação reativa.

Por fim o décimo cartão remete para qual a modalidade relacional dominante e um contexto, com esta figura relacional, libidinal e/ou agressivo. Todas as narrativas do género feminino trouxeram um contexto agressivo, duas com comportamentos de oposição e uma numa posição passiva. Neste grupo, surgiu a figura materna por duas vezes e uma história não diferenciou personagens. Nos rapazes houve bastante diversidade neste cartão, com exceção da presença da figura materna que foi constante. Uma história remeteu para uma relação num contexto agressivo com comportamento de oposição, noutra surgiu um contexto libidinal, mas com fuga da relação por parte do filho e ainda outra sem uma relação estabelecida onde se observa também uma fuga do filho.

Os cartões que remetem para o paterno são o 3 e 7, continuando a análise nesta faixa etária.

O terceiro cartão aborda o reconhecimento de uma figura forte vs. figura fraca sendo importante a relação entre personagens, em especial no posicionamento do “mais fraco” face à imagem de poder. Em todos os protocolos femininos se denota uma ausência de relação com a imagem de poder. Duas narrativas introduzem a figura forte uma delas de forma agressiva, a outra narrativa retira a figura de poder substituindo o leão por um tigre, de onde se perde o simbolismo de “rei leão”. Dois rapazes acedem à figura forte, desvalorizando o terceiro esta falando de um “leão velhote”. Contudo a figura fraca do rato não é contemplada em nenhuma história, sendo esta substituída numa das narrativas por “muitos guardas”, submetidos à vontade da figura de poder, rei.

O sétimo cartão volta a remeter para a diferença forte/fraco, contudo numa relação onde a agressividade está visivelmente presente, o que leva à importância de como o conflito é resolvido. Assim surgem nos três protocolos diferença entre a figura forte e a fraca. Uma narrativa não resolve o conflito, outra, onde o forte é novamente

destruidor, procura resolver o conflito com auxílio externo mas a figura forte também destrói estes amigos e por fim um protocolo resolve o conflito, através de um movimento de fuga. Para os rapazes, novamente todas as histórias distinguem forte e fraco, uma resolve o conflito também por fuga, outra perante um forte castrador abre possibilidade de resolver o conflito por fuga e noutra surge uma identificação ao agressor, neste caso por surgir um prazer oral e pela função super-egóica de punição ser colocada nesta figura.

Também o casal parental (C.P.) é digno de análise, surgindo como conteúdo latente no cartão 2, 5, 6 e 8.

Assim, no segundo cartão é importante observar se as três personagens são observadas com diferenças e semelhanças perante esta situação triangular. O contexto em que estas personagens interagem e a relação que é estabelecida na narrativa é também alvo de análise. As respostas ao cartão diferem nos participantes do género feminino, uma não elabora a situação triangular, através das personagens indiferenciadas. As outras duas respostas elaboram a triangulação sendo possível de se observar em ambas um contexto de rivalidade face à figura paterna. Num destes enredos surge um movimento de reparação face à rivalidade, unindo a família “numa casa, muito importante”. Nos rapazes surgem dois protocolos com fuga ao latente por indefinição de personagens, mas fica claro um movimento de rivalidade por ser procurado “o mais forte” num, e quem vai “ganhar” noutro. R apresentou uma narrativa com a figura paterna clivada entre um pai que pede apoio e outro que “achava que era forte, não precisava de ajuda”. Surge rivalidade contra esta figura do mau pai. Realço ainda que neste protocolo as respostas aos cartões mantinham personagens das histórias anteriores, pelo que esta clivagem do pai surgirá nos próximos cartões.

O cartão 5, através da aproximação libidinal do casal, pode sugerir ou sentimentos de solidão e abandono pelo casal ou por outro lado fantasmas infantis face à sexualidade ou culpabilidade pela curiosidade sexual. Duas raparigas fugiram a este conteúdo, não introduzindo o casal através do recurso à realidade, de forma descritiva. Outra história reconhece o casal e a sua aproximação o que leva a sentimentos de solidão e medo que é resolvido num movimento de fuga “esconder as cabeças”. Nos rapazes surge a fuga ao latente, ou seja, à aproximação libidinal do casal. Num protocolo surge um irmão para colmatar a solidão, noutro a figura paterna encontra-se

substituída por um irmão a dormir, onde se observa um movimento libidinal da mãe com o filho seguido de um medo da situação reativa. Por fim R volta a introduzir os dois pais do cartão 2. Não surge assim um casal com aproximação libidinal mas surge “o filho do outro urso”, defendendo um sentimento de solidão.

O sexto cartão retorna às problemáticas do cartão anterior, mas de forma mais evidente e menos simbólica. Nas raparigas acontece o mesmo que no Cartão 5, ou seja as primeiras duas voltam a não introduzir o casal parental fugindo ao latente, e a que reconhece a aproximação elabora novamente sentimentos de solidão e medo, que resolve desta vez numa luta contra um externo mau, unindo a família nesta luta contra um mesmo objeto mau. Também os rapazes têm movimentos idênticos ao cartão anterior, R introduz novamente estes dois pais fugindo ao conteúdo latente e surgindo novamente outro irmão com o mesmo simbolismo. Como no cartão anterior um rapaz voltou a não reconhecer a figura paterna que surgiu também substituída por um irmão, desta vez sem aproximação libidinal da mãe, estando os filhos a dormir. Por fim o outro rapaz não distinguiu personagens não surgindo assim possibilidade de aproximar o casal parental e fugindo ao latente.

O oitavo cartão surge num contexto familiar e introduz a temática do desejo de transgressão com a culpabilidade que deste surge. É ainda digno de análise a forma como as normas são transmitidas e a aceitação/interiorização destas. Uma rapariga não diferencia personagens fugindo ao latente ainda por recurso à realidade numa descrição. Outra narrativa não elabora desejo de transgressão nem culpa, embora diferencie o casal parental numa relação e a “avó e o filho” noutra. Por fim surge ainda na terceira história o casal parental também diferenciado de si entre C.P. e também uma avó e um filho. Surge um desejo de transgressão não acedido como seu e colocado em elementos externos maus “monstros e vampiros”. A punição dos pais fica desta forma defendida por ser injusta para com a filha. Os rapazes apresentaram respostas com fugas ao latente de diferentes formas. Um pela banalização da situação em que não surge culpa nem transgressão, outro coloca a mãe a falar com um filho e outras duas personagens indefinidas “a gozar”, onde se observa uma forma de culpabilidade ou vergonha. Por fim R inverte os papéis presentes até ao momento, ou seja não introduz os pais dos cartões anteriores, e introduz apenas figuras maternas, uma mãe com “amigas da mãe”. Esta figura materna não permite um movimento de autonomia, proibindo o filho com um externo ameaçador, utilizando o perigo da situação do cartão 7, “não podes ir lá para

fora, para o tigre”. R assume acede assim à problemática de desejo de transgressão e esta é proibida pela mãe.

#### 4.2.2 Análise das Imagos no C.A.T. seis anos

Destacarei em primeiro lugar a imago materna, seguida da imago paterna e por fim o casal parental, abordando inicialmente os protocolos femininos e depois os protocolos masculinos.

Desta forma, face à imago materna, não se observa presente a função alimentadora, não sendo esta figura reconhecida no cartão e por isso não é também estabelecida uma relação. O movimento de dependência/independência da figura materna é evitado em todos os protocolos através do recurso à realidade. Já o abandono por parte da figura materna é acedido na maioria dos protocolos levando a sentimentos de solidão. Por fim é estabelecido em todas as narrativas um contexto agressivo, de onde surgem dois protocolos com comportamentos de oposição. A figura relacional dominante é na maioria com a imagem materna.

Face à imago paterna a maioria distingue a figura forte, no Cartão 3, não introduzindo a figura fraca, não sendo então elaborado um posicionamento face a esta figura. Já no sétimo Cartão é diferenciada a figura fraca e a figura forte em todos os casos, deixando o conflito em aberto, ou seja por resolver.

Por fim analiso como surge o casal parental nos protocolos das raparigas. Na maioria das respostas há um acesso à triangulação solicitada no segundo cartão, da qual surgem sentimentos de rivalidade face à figura paterna. Os cartões que remetem para a aproximação libidinal do casal permitem observar uma fuga a esta aproximação, na maioria através da não introdução do casal parental. Ainda neste tópico uma rapariga acede nas duas narrativas a esta aproximação da qual surgem sentimentos de medo e de solidão. Por fim relativamente ao desejo de transgressão e à culpabilidade que deste advém, é possível observar novamente uma maioria de respostas sem elaborar este

conteúdo latente, surgindo uma resposta que coloca a transgressão num elemento externo idealizado de forma negativa.

Analisando agora a figura materna nos protocolos dos rapazes de seis anos. Assim, observa-se presente na maioria das respostas uma função alimentadora materna, é contudo ausente em todas as narrativas uma relação com a figura materna. A relação de dependência/independência não é acedida em nenhuma das respostas, na maioria por recurso à realidade, sendo somente descrito o conteúdo manifesto. Face ao abandono da figura materna observa-se o mesmo, ou seja, não é elaborado este conteúdo latente, surgindo contudo, na maioria, sentimentos de medo. Por fim, a relação dominante surge em todas as respostas com a figura materna, surgindo um contexto agressivo, um contexto libidinal e uma fuga à relação.

A imagem paterna do cartão 3 é acedida na maioria, sendo então observada a figura forte, contudo nenhuma resposta engloba a figura fraca, fugindo então ao posicionamento nesta relação. No cartão 7 é diferenciada em todas as respostas a personagem fraco e forte, não é contudo resolvido o conflito em nenhuma das respostas, surgindo numa identificação ao agressor.

Por fim será analisado como surge o casal parental nos protocolos masculinos. A triangulação não é elaborada por nenhuma das respostas surgindo em todas contudo uma relação de rivalidade. Também a aproximação libidinal não é acedida, no cartão 5 ou 6, através de fuga ao conteúdo latente, sendo possível de se observar em todas as respostas sentimentos de solidão. Terminando, face ao desejo de transgressão e inerente culpa, observa-se novamente uma fuga à temática latente pela maioria, surgindo numa narrativa um desejo de transgressão em relação a movimentos de autonomia, proibidos de imediato pela figura materna.

#### 4.2.3 Apresentação do C.A.T. onze anos

A análise dos protocolos C.A.T. dos onze anos terá o mesmo procedimento, reintroduzi os conteúdos latentes tal como destacados para os seis anos, em primeiro lugar abordando os conteúdos maternos.

O primeiro cartão remete para a função alimentadora da figura materna. Assim neste novo grupo, observa-se nas raparigas duas narrativas sem conter função alimentadora da figura materna, no qual numa surge uma mãe super-egóica a vigiar e na outra surge um id oral, por parte de B, que leva à morte. Surge na terceira narrativa uma mãe contendo a função alimentadora mas não é estabelecida uma relação para além desta função. Nos rapazes surgem duas histórias com a figura materna com função alimentadora, uma delas atendendo ainda às necessidades dos filhos e outra não sendo auto-suficiente nesta função, pedindo ajuda aos filhos e surgindo a consequência da não ajuda, com sentimentos de culpabilidade e punição. Surge ainda uma mãe super-egóica sem função alimentadora estando apenas “a vigiar”.

O cartão 4 remete para uma relação de dependência/independência na relação com a figura materna, que se interliga com a possibilidade de um movimento de autonomização e diferenciação. A primeira narrativa pode ser observada sem relação com a figura materna, sendo que esta leva “os filhos à escola”, onde é possível inferir um contexto de autonomia nesta escola. A segunda história apresenta “um canguru”, não sendo distinguido como mãe, o contexto é de dependência mas há uma fuga ao latente, sem elaboração da narrativa. Por fim surge em B novamente uma pulsão oral “piquenique” que leva a uma punição e destruição, no qual também a mãe é destruída. Nos rapazes a temática surge algo mais elaborada, um estabelece uma boa relação de independência desta figura, que mantém uma função protetora que possibilita autonomia. Outro rapaz foge ao conteúdo latente não elaborando uma relação ou história, por fim surge uma narrativa onde se observa os dois movimentos dependência/independência, no qual é possível autonomia mas é ainda assim melhor o apoio da mãe.

O nono cartão tem como conteúdo latente a solidão e os afetos depressivos ou sentimentos de abandono por parte desta figura. Nas raparigas há fuga de uma do conteúdo latente, por recurso à fantasia, começando um novo dia, onde não é trabalhado então o abandono e solidão. As outras duas narrativas contêm sentimentos de solidão, no qual um não é elaborado e outro surge com apelo à figura materna para o colmatar. O primeiro rapaz apresenta uma fuga à solidão, de onde surge mesmo assim um elemento feminino inferior “gatinha” que o ajuda perante maus elementos “ladrão”. O segundo enredo foge ao latente através de uma descrição, ou seja por recurso à realidade. Por fim surge ainda um acesso à solidão, face ao qual a personagem principal fica doente e apela

ao casal parental, que surge então como o que o abandona, perante este casal a doença passa “ver se ele estava bem... e está”.

Por fim o décimo cartão remete para qual a modalidade relacional dominante e um contexto, com esta figura relacional, libidinal e/ou agressivo. Surge uma descrição como fuga ao latente com recurso à realidade. As outras duas histórias surgem num contexto agressivo, uma com uma figura materna onde se observa uma identificação ao agressor porque “está engasgado”, sendo a agressão benevolente no contexto da narrativa. A outra narrativa com contexto agressivo introduz o casal parental e há uma identificação ao agressor, sendo esta história de B e observando-se novamente um id a encaminhar o protagonista para uma punição. Num rapaz surge uma narrativa contendo uma mãe num contexto agressivo, que depois de confrontada pelo filho muda para um contexto libidinal. Outro não elabora uma narrativa e foge assim ao latente. Por fim no terceiro rapaz observa-se um contexto libidinal com a figura materna, onde é ainda possível um movimento de autonomia.

O terceiro cartão, na análise da imago paterna, aborda o reconhecimento de uma figura forte vs. uma figura fraca sendo importante a relação entre personagens, em especial no posicionamento do “mais fraco” face à imagem de poder. Observa-se duas respostas que desvalorizam a figura de poder e que não introduzem a fraca, fugindo ao conflito proposto. Outra narrativa identifica a figura forte e a fraca, mas com uma identificação ao agressor, embelezando a figura forte. Nos rapazes, por parte de um, surge uma recusa ao cartão depois de aceder à figura de forte. Outro reconhece a figura forte e também foge ao latente, no seu caso através de recurso à realidade, sendo que ambos não introduzem a figura fraca. Por fim uma narrativa acede à diferença forte e fraco, no qual surge um contexto de rivalidade em que o rato, através da inteligência, ou seja através da elaboração de um plano, derrota o leão.

O sétimo cartão volta a remeter para a diferença forte/fraco, contudo numa relação onde a agressividade está visivelmente presente, o que leva à importância de como o conflito é resolvido. Duas raparigas acedem à diferença forte/fraco, contudo uma não elabora uma narrativa não resolvendo o conflito e noutra história surge uma desvalorização da agressividade, que tinha surgido, acabando por não elaborar o conflito. Por fim surge uma boa elaboração do conflito, com diferenciação de forte/fraco, surge medo perante a agressividade e o conflito é resolvido através da

inteligência do macaco (“armadilha de macaco”). Nos rapazes surge sempre a figura forte diferenciada da fraca. Uma história não elabora uma resolução, noutra surge rivalidade e através de auxílio externo é capaz de a destruir, por fim há ainda uma resolução do conflito através de fuga.

No segundo cartão, entrando na análise do casal parental, é importante observar se as três personagens são observadas com diferenças e semelhanças perante esta situação triangular. O contexto em que estas personagens interagem e a relação que é estabelecida na narrativa é também alvo de análise. Todos os protocolos femininos evitam o conflito através de indiferenciação das personagens, uma narrativa demonstra ainda contexto de rivalidade. As respostas dos rapazes demonstram diferentes abordagens, uma não elabora a triangulação por surgir um pai clivado, sendo este conflito resolvido através de um superego (“juízes”) que desclassifica este mau pai. Outra aborda a triangulação surgindo o filho e a mãe contra o pai num contexto de rivalidade, contudo a narrativa é pouco investida e não há resolução do conflito. Por fim surge um pai e um filho, mas não é referida a figura materna, sendo apenas deduzível a sua presença, não sendo o conflito resolvido nem a triangulação abordada.

O cartão 5, através da aproximação libidinal do casal, pode sugerir ou sentimentos de solidão e abandono pelo casal ou por outro lado fantasmas infantis face à sexualidade ou culpabilidade pela curiosidade sexual. Assim todos os protocolos femininos fogem ao conflito, não diferenciando ou reconhecendo o casal parental, e em todas as narrativas há uma dificuldade em elaborar o sentimento de solidão, numa delas surge o apoio da figura materna. Para os rapazes é possível analisar duas fugas ao conteúdo latente pela não introdução do casal parental, surgindo numa resposta medo e noutra uma fuga à solidão através da introdução de outra personagem. A resposta de R elabora uma temática de destruição perante um conteúdo latente libidinal, nesta temática os filhos defendem-se sozinhos, depois surge um pai que falha na função de proteção e por fim uma figura materna que resolve o conflito.

O sexto cartão retorna às problemáticas do cartão anterior, mas de forma mais evidente e menos simbólica. Observa-se novamente por parte das raparigas uma fuga ao conteúdo latente, numa narrativa através da imobilização dos personagens a “hibernar” e noutra não diferenciando personagens. O enredo de B aborda novamente um id oral que leva a uma punição realizada por um casal parental indiferenciado. A narrativa de R

reativa a temática de destruição perante um contexto libidinal, nesta diferencia-se dos pais e resolve desta forma o conflito, levando os pais a assumirem a sua diferenciação. Os outros dois rapazes não elaboram o conflito, numa narrativa por escotomia total do cartão e noutra não diferenciando o casal parental e fugindo assim a elaborar a sua aproximação libidinal.

O oitavo cartão surge num contexto familiar e introduz a temática do desejo de transgressão com a culpabilidade que deste surge. É ainda digno de análise a forma como as normas são transmitidas e a aceitação/interiorização destas. Duas raparigas fogem ao conteúdo latente do cartão sem elaborar a história num caso, e introduzindo um contexto idealizado noutra. A narrativa de B elabora uma transgressão que é punida pela figura materna. Um rapaz não elabora uma história fugindo ao latente, outro acede ao desejo de transgressão e à culpa desta, sendo punido pela figura materna. Por fim surge uma narrativa, por parte de E, onde se observa um casal parental indefinido que se demonstra inútil perante a proteção do filho e uma tia, bem elaborada e definida, que resolve o conflito.

#### 4.2.4 Análise das Imagos no C.A.T. onze anos

Tal como para os seis anos, destacarei em primeiro lugar a imago materna, seguida da imago paterna e por fim o casal parental, bem como os protocolos femininos seguidos dos protocolos masculinos. Nos protocolos de onze anos observa-se uma variabilidade muito maior na elaboração dos conteúdos latentes, não sendo possível em vários cartões observar-se uma forma semelhante dos participantes abordarem o latente.

Desta forma a imago materna surge na maioria das raparigas sem a sua função alimentadora. Todas as respostas surgiram sem destacar uma relação com esta figura. Observei ainda, na maioria das respostas para o primeiro cartão, a presença de um superego, que surge na figura materna e sendo que noutra narrativa surge um Id oral que levou à morte das personagens. Face à dependência com esta figura é possível de se observar na maioria das histórias o acesso a esta problemática, surgindo relações de dependência. Novamente observa-se uma narrativa, com um conteúdo latente do movimento dependência/autonomia em que surge um Id oral que leva à morte das personagens, incluindo da figura materna. O abandono da figura materna é contemplado

numa resposta, fugindo as outras duas ao conteúdo latente, contudo a temática da solidão surge em todas as respostas. Por fim a figura do modelo relacional dominante é abordada numa resposta perante a figura materna, noutra perante um casal parental indiferenciado por assumir funções super-egóicas e a última narrativa não elabora o conteúdo latente por recurso à realidade. Ainda se observa na maioria das respostas um contexto agressivo que é abordado perante identificação ao agressor.

A diferenciação da figura forte e fraca, em relação à imago paterna do cartão 3, encontra-se também defendida. A maioria das respostas desvaloriza a figura forte e não introduz a figura fraca, estando a narrativa ausente de relação. Na outra resposta observa-se novamente uma identificação ao agressor. Contudo esta diferença da figura forte/fraca é acedida em todas as narrativas do sétimo cartão, sendo o conflito resolvido através da inteligência numa resposta, já nas outras duas não existe resolução.

Em relação ao casal parental, observa-se uma fuga à relação triangular em todas as histórias das participantes, ficando as personagens por diferenciar. Surge uma fuga ao conflito que a aproximação libidinal do casal suscita no quinto e sexto cartão, em todas as narrativas. O casal parental não é abordado no cartão 5, onde se observa dificuldade em elaborar a solidão. Na maioria das respostas ao cartão 6 as personagens ficam por diferenciar. Neste último cartão observa-se novamente uma temática em que surge um Id que leva à punição da personagem principal numa narrativa. Por fim, também os desejos de transgressão são evitados na maioria das respostas, surgindo da mesma participante um Id que neste caso contempla uma transgressão e a punição desta, por um casal indiferenciado.

Os rapazes de onze anos desenvolvem, na maioria, uma narrativa que contém a figura materna com função de alimentação. Surge ainda na maioria das respostas, tal como nas raparigas, um Superego cristalizado na figura materna. A relação dependência/independência observada no quarto cartão é acedida por todos os participantes que abordam uma relação num contexto de autonomia, surgindo esta independência também numa resposta sem relação com esta figura. Os sentimentos de abandono e a posição depressiva é evitado numa resposta com recurso à realidade, noutra surge o abandono por parte do casal parental e por fim há uma fuga ao latente do

cartão com recurso à fantasia, que surge no evitamento de sentimentos de solidão. A maioria dos rapazes introduz a figura materna como modelo de relação dominante, sendo um tipo de relação libidinal. Nesta maioria uma das narrativas foge ao conteúdo latente.

A figura paterna suscita dificuldades em elaborar a narrativa, uma vez que se observa duas fugas à elaboração da história depois de ser abordada a figura forte. Uma narrativa acede à figura de poder, introduz a figura fraca, e resolve o conflito através da inteligência. No cartão 7 é sempre acedida a diferença entre a figura forte e fraca. Já a resolução do conflito se apresenta díspar, sendo este resolvido através de fuga, de auxílio externo e não sendo resolvido.

A maioria das respostas não elabora a triangulação no cartão que remete para esta temática com o casal parental, não resolvendo, a maioria, o conflito. O participante que elabora a triangulação situa-se ao lado da figura materna numa relação de rivalidade para com a figura paterna. A aproximação libidinal do casal é evitada por todas as respostas em ambos os cartões (5 e 6) por não surgir o casal parental em duas respostas ao primeiro cartão, por uma escotomia do cartão 6 noutra resposta e ainda por um participante elaborar duas temáticas de destruição perante as duas situações de aproximação libidinal. Por fim os desejos de transgressão não são elaborados em duas narrativas, a outra elabora este desejo que suscita culpa e conduz a uma punição realizada pela figura materna.

### *4.3 – Análise das Entrevistas*

#### 4.3.1 – Entrevistas 6 anos

Irei abordar de forma curta os conteúdos observados nas entrevistas focando-me apenas nos conteúdos realçados relativos à imago paterna, que surge no Desenho dos 6 anos.

As entrevistas com a população de 6 anos, permite realçar novamente os conteúdos da imago paterna, abordados na Análise do Desenho. Assim observa-se um ênfase na potência fálica do herói, presente em todas as entrevistas, por exemplo: “gostei dos poderes... para atacar”; “espada”, “para, destruir os maus”, “pernas muito

fortes”; “gostei do cinto” ou “também da boca... Porque tem estes dentes”. Surgiu ainda como conteúdo comum a várias entrevistas alusões à capacidade de voo do herói, podendo-se pensar no voo como fuga/liberdade. É referido numa das entrevistas que voar era importante “Porque se um monstro... fosse gigante e ele tinha o poder do super grito e ele não voasse, não conseguia tapar a boca.”. Neste caso pode-se ainda pensar, a nível simbólico, no voo como uma fuga a um gigante que só assim se poderia calar, o que me reenviou para um conteúdo latente que remetesse para uma figura parental e para a possibilidade de cessar a sua influência.

Demonstrou-se ainda claro, tal como no Desenho e Características, a ausência de conteúdo interno do herói, sendo referido apenas dois elementos internos, por um aluno, em todas as entrevistas neste grupo. No herói é referido ao longo das entrevistas, diversos atributos externos, ou funções que estes atributos permitem, em detrimento de conteúdos internos ou inerentes a este.

#### 4.3.2 – Entrevistas 11 anos

As entrevistas nos onze anos, elaboram de forma pessoal as características destacadas na heroína. Observa-se uma função de apoio ou contenção materna presente nas diversas entrevistas por exemplo: “ajudar os outros”; “podia ajudar um professor”; face à medicina “se alguém se magoasse, ela sabia... como a ajudar”; “ajudávamos pessoas”; “salvar pessoas”. Os conteúdos internos da personagem são também elaborados surgindo repetidas vezes as características “bondosa, simpática, amigável, esperta” ao longo das entrevistas. Surgem ainda discursos por parte dos participantes que demonstram observar e fantasiar esta personagem com uma vida e dimensões internas, sendo os melhores exemplos “Ela podia falar sobre ela. Dizer como foi a sua infância, dizer como gostava de ser... quando crescesse mais” ou ainda face à sua vida dupla como heroína um aluno comentou que podia estar “muito stressada, porque não tem tempo para si”. Observei ainda que surgiu em várias entrevistas referências ou à sua capacidade de voar ou ao “sapatos a jato” que lha permitem.



## 5 – Sobre o que se pensa: Discussão

Abordarei numa primeira fase as problemáticas trabalhadas no capítulo 1 – Sobre a latência: Enquadramento. Numa segunda fase irei comparar estes dados teóricos com os obtidos no estudo, em primeiro lugar para a população de seis anos e de seguida da população de onze anos.

### 5.1 – *Pensar sobre os seis anos*

De acordo com Traubenberg (1984) a problemática dos seis aos oito anos é proveniente da resolução do conflito edipiano, pelo que nos rapazes surge uma angústia de castração e nas raparigas um temor da imagem viril. A expressão da problemática não acarreta angústia não dominada. A autora apresenta ainda a imagem paterna contendo carga fantasmática forte e é representada de forma perigosa pela sua potência fálica. É possível de se observar, esta potência, numa suscetibilidade a símbolos de poder, como a força, a potência ou agressividade, surgindo mecanismos de distanciamento deste poder como evitamento, negação e minimização. A figura materna surge, de acordo com a autora, a um nível mais simbólico, possibilitando sentimentos de securização.

Começo então por abordar o que observei nos protocolos C.A.T. de seis anos. A figura materna aparece com conteúdos comuns em ambos os géneros, como figura relacional dominante, sendo ainda comum o evitamento da temática de dependência. Observo diferença entre géneros nos dados obtidos em relação à função alimentadora, ao abandono materno e ainda ao contexto agressivo/libidinal. Assim as raparigas do presente estudo não observam a figura materna com função alimentadora, acedem ao abandono desta figura e à solidão que deste advém. O contexto de relação surge em todas como agressivo, sendo possível de observar, em algumas, movimentos de oposição. Os rapazes reconhecem a função alimentadora na figura materna, mas evitam a relação com esta nas narrativas. É também evitado o sentimento de abandono desta figura, surgindo ainda assim sentimentos de medo nestes cartões. O contexto no modo relacional dominante surge díspar nos três protocolos masculinos, com uma fuga, um contexto libidinal e um agressivo. Quanto à imago paterna, observa-se de forma clara a figura fantasmática paterna perigosa desta idade, para ambos os géneros. Quando é

possível a figura fraca não é integrada nas narrativas, a relação é desta forma evitada juntamente com a angústia que desta resultaria. Quando o conteúdo manifesto apresenta em primeiro plano as duas figuras fraca/forte, as personagens são apercebidas mas o conflito não é resolvido. Por fim o casal parental e os sentimentos face a este surgem com pareências, surgindo de forma clara uma fuga à aproximação libidinal do casal, bem como uma fuga aos desejos de transgressão, que se liga ao recente superego formado nesta idade e a angústia que estes temas reativariam. A triangulação é abordada nas raparigas que se posicionam numa situação de rivalidade contra a imago paterna, já os rapazes evitam este posicionamento mas surge rivalidade, podendo-se pensar novamente que este tema lhes suscita uma angústia que não seria controlável, pelo que é evitado.

Os dados obtidos no Desenho do herói, combinados com o realçado pelos participantes nas entrevistas, permitem reconhecer o simbolismo de uma figura paterna no Desenho. Esta figura enquadra-se nos dados dos protocolos C.A.T. face à imago paterna, observando-se uma figura de potência fálica. Esta potência é observável em todas as entrevistas por exemplo surgindo super-poderes, luvas de boxe ou dentes de vampiro, sendo referido uso para estes, por exemplo “para destruir os maus”. É ainda observada nas características destacadas no herói ou até mesmo no simbolismo da tonalidade vermelha do desenho.

É assim possível de se observar as problemáticas realçadas por Traubenberg (1984) nos participantes do estudo, face à imago paterna no C.A.T., Desenho e Entrevista, como acima descrito. Esta imago surge, no C.A.T., de forma perigosa e perante a qual são mobilizados mecanismos de evitamento que permitem não se abordar uma temática que reative demasiada angústia. Uma vez que o desenho aborda apenas a figura paterna, utilizarei os dados do C.A.T. para elaborar as restantes imagens parentais neste parágrafo. Assim, também a problemática pode ser observada em relação com a resolução do complexo, surgindo sentimentos negativos e de oposição da população feminina para com a figura materna e uma prevalência de sentimentos positivos nos rapazes face a esta figura. Ou seja observo uma maior procura de relação com a figura materna por parte dos rapazes em comparação às raparigas que elaboram uma relação menos gratificante com esta. Fuchsman (2001) refere a resolução edipiana perante a internalização de um superego, que também observo, este novo superego, no C.A.T.

surgindo fuga à aproximação libidinal do casal, e a não exposição de desejos, como o de transgressão que observo proveniente desta nova instância.

## *5.2 – Pensar sobre os onze anos*

Para a faixa etária do final da fase de latência, Traubenberg (1984) explica que a temática surge já com simbolismo sexual, havendo diferenciação das imagens parentais, que já se encontram sólidas. Os rapazes continuam numa problemática com angústia de castração, mas já a enfrentam num confronto com a imagem paterna, contudo evitando rivalidade frontal. As raparigas lidam com esta imagem numa posição de sedução, através da capacidade feminina de geração, que permite vivenciar uma valorização narcísica com a imagem viril.

O presente estudo do C.A.T. observa resultados diferenciados nas narrativas desta faixa etária, sendo difícil de se abordar uma temática geral face ao mesmo latente dos cartões, sendo esta diferença ainda mais díspar entre géneros. Exceto o evitamento do abandono da figura materna em ambos os géneros, e a presença do superego no cartão que remete para a temática oral de alimentação. Assim observa-se nas histórias das raparigas, uma figura materna sem função alimentadora e sem surgir relação com esta, contrastando com os rapazes que reconhecem esta função na imago materna. Novamente surge um contraste na posição de dependência/independência com esta figura. As raparigas apresentam relações dependentes e todos os rapazes elaboram relações de autonomia. Por fim no modelo relacional, a figura materna encontra-se presente na maioria dos protocolos de ambos os géneros. A maioria das raparigas situa-se num contexto agressivo e a maioria dos rapazes num contexto libidinal, observando-se esta diferença de novo. Em relação à figura paterna observa-se uma dificuldade no posicionamento com esta, as raparigas desvalorizam a imagem de poder e não elaboram a figura fraca e um relacionamento do fraco e forte. Na maioria dos rapazes perante a abordagem da imagem de poder, é possível pensar que surja demasiada angústia, pois houve uma fuga imediata ao resto da narrativa. Quanto ao sétimo cartão observa-se em ambos os géneros a figura fraca e forte. A maioria das raparigas não resolvem o conflito, contudo uma resolve através da inteligência. Nos rapazes, um não resolve o conflito e os outros resolvem, um por fuga e o outro por auxílio externo. Em relação ao casal parental as respostas assumem semelhanças nos dois géneros. A triangulação é evitada pelos participantes de ambos os géneros, surgindo apenas num rapaz rivalidade face à figura paterna, junto à figura materna. A aproximação libidinal do casal não é

elaborada na maioria das raparigas, bem como nos rapazes. Para estes últimos deduzo que o tema surge de forma difícil, pois surge uma escotomia do cartão numa narrativa e duas temáticas de destruição. Por fim o desejo de transgressão é também evitado por ambos os géneros.

Os dados do Desenho, juntamente com as entrevistas, permitem observar uma função de apoio materno ou de contenção. Alguns exemplos desta função nas Entrevistas surgem face à medicina “se alguém se magoasse, ela sabia... como a ajudar” ou ainda simplesmente por “ajudar os outros”. A função de apoio encontra-se central, a meu ver, nesta personagem sendo o seu nome de super-heroína “Mulher Super Coração”, observando-se uma imago materna idealizada. Esta figura materna recetiva é ainda visível ao observar o Desenho, por exemplo nos braços estendidos num abraço, ou o coração, que foi destacado como o seu símbolo. É ainda representada com funções maternas nas suas características destacadas, sendo “Simpática, Bondosa, Amorosa e Amigável”.

Observo sentimentos provenientes do Complexo, ou seja uma elaboração de sentimentos de ódio ou desprazer, com a figura materna, nas narrativas do C.A.T. das raparigas, e sentimentos de amor dos rapazes face a esta. Surge uma imago materna no Desenho, que observo interligada com estes sentimentos acima descritos, provenientes do Complexo, sendo a imago deslocada para o Desenho por parte dos rapazes. Observo que as raparigas também participaram na construção da heroína de forma semelhante aos rapazes, pelo que imagino que ou colocaram as suas necessidades nesta heroína ou colocaram parte do seu Ideal do Ego no Desenho. Novamente surge apenas uma imago no Desenho, pelo que as restantes características que irei referir são obtidas dos dados dos protocolos C.A.T.. Observo assim o confronto com a figura paterna, tal como descrito por Traubenberg (1984) por parte dos rapazes, surgindo confrontação, nas suas narrativas, de uma forma que não aborda a rivalidade frontal. Contudo, não observo os movimentos de sedução feminina descritos pela autora, surgindo no presente estudo uma desvalorização da figura paterna e a não elaboração da resolução de conflito. Nas raparigas do presente estudo não observo ainda a diferenciação das imagens parentais, nos cartões que remetem para o casal parental, que não é diferenciado em várias narrativas desta população. Por fim é possível de se observar um superego forte ao longo dos vários protocolos dos participantes de onze anos. Através, por exemplo, da supervisão materna que surge em algumas histórias, ou através da elaboração de pulsões

do Id que são punidas, por vezes de forma bastante severa levando à morte das personagens. Este superego não permite também elaborar transgressão, e por vezes surgem temáticas de destruição perante a aproximação libidinal do casal.

De forma comparativa, das problemáticas analisadas do C.A.T., é então possível observar-se uma evolução da imago paterna perigosa e destruidora nos seis anos que não possibilita elaborar rivalidade e confrontação, para uma imago ainda fálica nos onze anos, mas que já é confrontada pelos rapazes e que é defendida através da desvalorização nas raparigas. A figura materna também é alvo de alguma evolução, por ambos os géneros, de forma menos visível nas raparigas. Mesmo assim, os protocolos femininos, aos seis anos elaboram um contexto agressivo e com comportamentos de oposição, sem ser elaborada a posição de dependência/independência. Aos onze anos o contexto continua a ser agressivo, mas já não se observa comportamentos de oposição e a relação de dependência da figura materna é assumida em vez de evitada. Já nos rapazes a diferença é mais clara, aos seis anos surgia também uma fuga à elaboração da dependência, enquanto os protocolos de onze anos elaboram esta relação e denota-se a possibilidade de autonomia para com esta figura materna. O contexto da relação surgia de forma díspar sendo pouco elaborado aos seis anos, contudo aos onze anos a relação é desenvolvida num contexto libidinal com esta figura. Em ambas as idades e ambos os géneros observa-se uma dificuldade em elaborar a aproximação libidinal do casal parental e desejos de transgressão. A temática da aproximação libidinal do casal surge de forma mais destruturada na população de onze anos, com escotomia do cartão e com temáticas de destruição. Aos onze anos observa-se ainda um superego mais cristalizado nos participantes com temáticas de pulsões que são repreendidas por uma instância severa.

Compreendo esta evolução em relação com o Desenho do herói de ambos os grupos observando como foi construído e trabalhado cada herói.

Assim nos seis anos, o desenho surge de forma pouco elaborada e pensada, ou seja com pouco processo secundário, sendo as suas características e atributos muito

pulsionais e impulsivos, ou seja com bastante processo primário. Considero que o herói de seis anos surge semelhante à forma como surge o interior da criança nesta idade, ou seja, com poucos conteúdos internos, sendo a sua existência ditada pelo ambiente externo no caso do herói, sendo possível de se pensar algo análogo para esta faixa etária. Observa-se movimentos de introjeção das crianças, por exemplo de acordo com Freud, em que as partes de amor das figuras parentais serão introjetada no Ego Ideal, e as partes punitivas e castradoras no Superego. Estes movimentos de introjeção são também visíveis no herói, por exemplo ao comer e ficar mais forte, ou ao comer cristais, que observo como simbolismo de pureza. As capacidades do herói também não são inatas, onde é preciso objetos externos para existir e lutar, como a Varinha ou as Luvas de boxe. Será necessária esta fase de latência, e a liberdade e autonomia que esta permite, para as crianças se afastarem destas figuras idealizadas e desenvolverem uma imagem dos seus conteúdos interiores. Necessidade que novamente observo nas várias alusões à capacidade de voo do herói como por exemplo os sapatos voadores, o carro voador, o helicóptero e o Pégaso. Chevalier e Gheerbrant (1982) descrevem esta última criatura contendo características espirituais capazes de elevar quem a monta acima do perigo da perversão. Novamente um atributo que relaciono com o trabalho da criança na latência, de se elevar acima das suas pulsões para atingir novos níveis, não espirituais mas mentais. Interligo ainda a fantasmática perigosa da imago paterna, observada no C.A.T. dos seis anos, com o herói que surge nesta idade, observando-se de forma clara o simbolismo de potência fálica desta imago deslocado para um herói que ajuda os outros. Assim penso que perante a existência deste fantasma destruidor, o herói surgiu como forma de sublimar a angústia que esta figura suscita em ambos os géneros, e digo sublimar não só pelo produto artístico mas pela forma como o poder angustiante é transformado num poder de um “Super Salvador”. O herói dos seis anos, contém assim a meu ver, esta figura paterna sublimada, juntamente com necessidades e desejos das crianças que o desenharam.

Em relação ao Desenho do herói dos onze anos, é possível observar-se, tal como nos protocolos C.A.T. desta idade comparados aos dos seis anos, uma melhor elaboração e trabalho dos processos secundários, com menos presença dos primários. Assim o herói surge com conteúdo interno, com personalidade e gostos numa afirmação de si nova, que relaciono com a procura de afirmação de si realçada por Traubenberg (1984). Observa-se uma evolução do herói dos seis anos para o herói dos onze anos, de

forma análoga à mudança que se observa na elaboração e vivência das problemáticas dos participantes do estudo. Ainda na comparação entre problemática e herói nos onze anos, a figura surge de forma elaborada numa mulher, que ajuda e apoia os outros. Interliço este facto com uma necessidade proveniente de uma problemática que observei nas raparigas desta idade face à sua figura materna, e que interliço ainda com a vontade de relação que observei nos rapazes desta idade. Assim as características destacadas surgem de forma complementar a ambos os géneros, o masculino pela relação libidinal com a figura materna, e o feminino pela dificuldade de relação com esta e acrescento ainda, como minha opinião, um possível Ideal do Ego das raparigas. A heroína surge então como alguém bondoso, simpático, amoroso e amigável, alguém que permite relação e que se preocupa e cuida do outro. O que se poderia pensar que será uma escolha idealizada do objeto sexual para os rapazes, tal como seria uma idealização da identificação feminina, das raparigas, ao seu papel enquanto mulher.



## 6 – Sobre uma dúvida: Conclusão

Em relação à minha dúvida inicial, julgo que já a sei responder através deste trabalho. A sexualidade não me parece assim desaparecer. Julgo ainda que esta sexualidade, de forma paradoxal, não existe no início desta fase. O que penso ser possível de existir é um desejo de se crescer, procurando outros na sua realidade externa aos quais se possam unir e criar  $1 + 1 = 3$ . Que de forma curta se pode explicar como a combinação de uma pessoa com outra que leva à criação de algo novo, não presente em nenhuma delas de forma individual. Contudo, refiro novamente aqui que o herói dos seis anos não tem conteúdo interno, ele somente é e existe pelo que tem externo a si. Imagino que na mente de uma criança de seis anos, o mundo possa ser apercecionado de forma análoga. Aos onze anos, este trabalho já se encontra mais próximo de um estágio mais desenvolvido, onde já é criado conteúdo interno no próprio, e já é procurado observar este conteúdo noutros.

Introduzi ao longo do trabalho alusões e referências aos simbolismos do fogo e da água, para o herói de seis anos e para o herói de onze anos respetivamente. O fogo pode ser observado no herói de seis anos, por exemplo na tonalidade vermelha, ou no lançar chamas. A água pode ser deduzida na heroína de onze anos, pelo cabelo azul, pela flexibilidade da elasticidade ou ainda pela envolvimento e apoio, que também este elemento simboliza. Vamos então abordar a sexualidade na latência somente através de símbolos, com o auxílio de J. Chevalier e A. Gheerbrant (1982). Antes de mais refiro que o fogo surge como símbolo sexual, pela sua obtenção através da fricção. Este elemento é o símbolo das paixões, em específico o amor e a cólera. O fogo que surge no herói dos seis anos, diversas vezes e de diversas maneiras, simboliza paixão de uma forma que interligo com o processo primário que surge ao longo desse desenho e desse herói, ardendo com amor ou ardendo de raiva. Que simbolismo pode ainda conter este fogo? O fogo surge como purificador, como algo destruidor, mas positivo. O fogo surge ao se destruir algo, que neste caso vamos chamar da sexualidade infantil, que Freud (1905, cit por Fuchsman, 2001) afirmou que terminava nesta idade, e ao ser destruída, esta passa a ser compreendida, sendo o fogo ainda símbolo de sabedoria, luz e verdade. À luz desta metáfora observo parte da resposta à minha pergunta, a sexualidade tem de ser consumida numa fase e de ser reduzida a cinzas para ser compreendida. Enquadro agora a água, no final desta fase de cinzas, com o seu simbolismo regenerador. Depois

destas cinzas terem sido pensadas, elaboradas e trabalhadas, numa fase em que as capacidades cognitivas são mais investidas, as cinzas podem ser regeneradas à sua forma inicial, do qual Freud (1905, cit por Fuchsman, 2001) também se refere, que a sexualidade seja retomada no início da puberdade. Mas a água simboliza mais que regeneração, é também símbolo de pureza e um meio para purificação, mais concretamente, a água simboliza purificação de desejos até à forma mais sublime que estes podem atingir, a bondade. Observo que a sexualidade, depois da fase de latência, e depois de ser purificada pelo seu consumo e inerente proibição, surja interligada ao sentimento de amor, que observo intrinsecamente interligado à bondade. Termino por dizer que a morte pelo fogo e o renascimento que deste é possível é complementar à purificação da água, surgindo a relação destes dois elementos por exemplo na cultura azteca. Assim para se atingir o divino, é preciso a pureza da água, combinada com a sublimação do fogo que a sublima para o estado de nuvens, a água divina. Convido os leitores a relerem a discussão após este simbolismo e a observar desta perspetiva o que observo no herói de seis anos e na evolução para o herói de onze (Chevalier e Gheerbrant, 1982).

Permitam-me finalmente um momento de fantasia, longe da conceção teórica e das ideias e dos conceitos. O que este trabalho me permitiu fantasiar foi que ao longo do processo de latência haja um trabalho de se dar sentido ao proibido e ao desejo. Sem querer deixar a parte emocional de fora, penso este trabalho na difícil dinâmica que os sujeitos atravessam, em que por um lado têm desejos seus que surgem e com os quais têm de lidar, uma vez que estão lá, por outro lado paralelos a esses desejos surge de imediato as consequências de os realizar, e estes não podem ser atuados então. Mas atenção que atuados é diferente de pensados. Julgo que neste processo são incluídas novas personagens do mundo externo à família, que vão introduzindo a temática do diferente e que são observados por quem passa por esta ambiguidade como alguém que já se encontra mais resolvido, surgindo assim como ídolos, ou seja como alguém cujo comportamento deva suscitar algum interesse pelas crianças latentes. Através deste processo pode ser possível de se começar a observar conteúdos internos nos outros que

nos rodeiam. Seja como seja, a heroína dos onze anos, é repleta de vida interior, ela existe dentro de si por características suas e não por características externas.

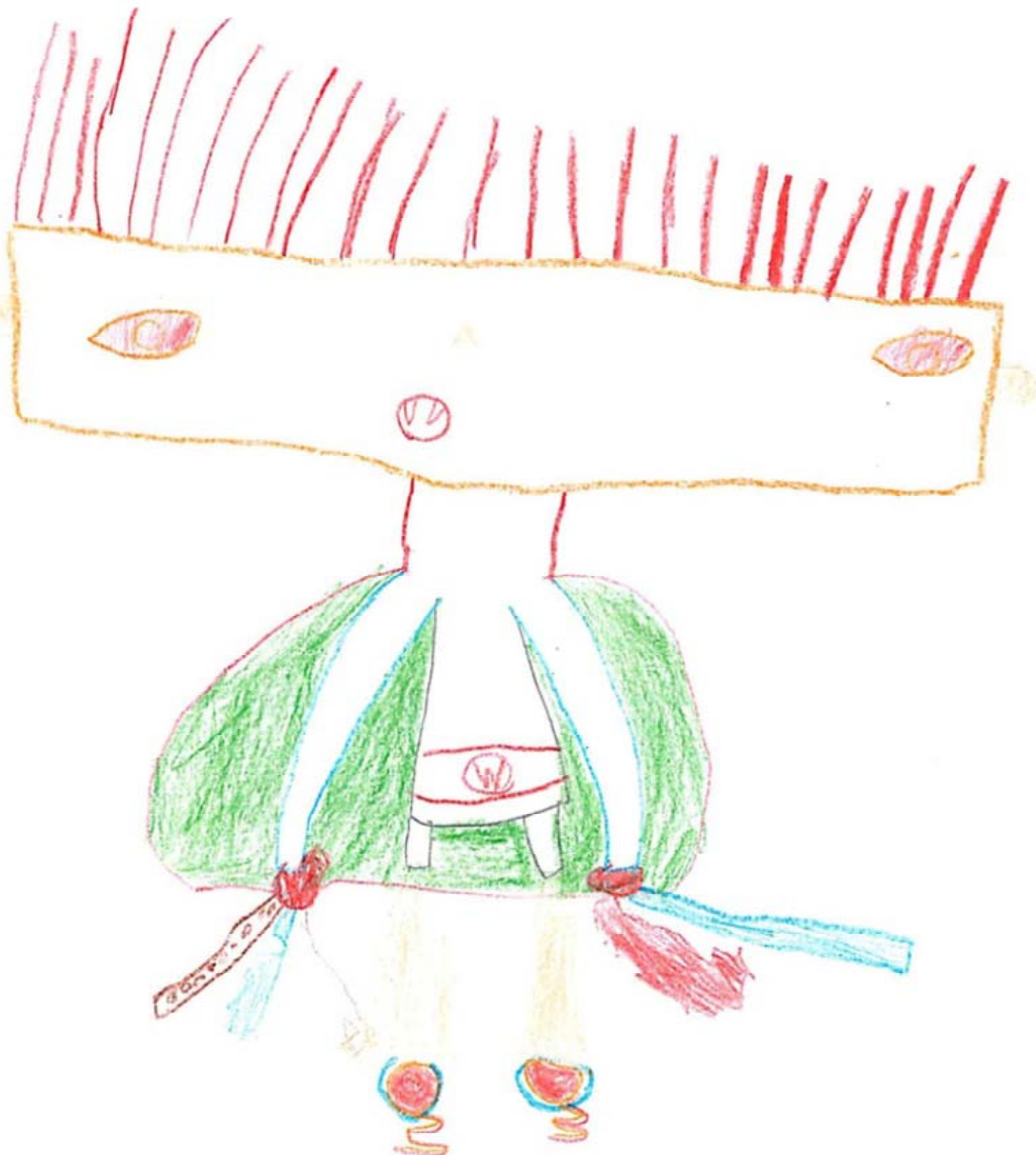
## Bibliografia

- Aleixo, T., A., M., P., M., (1999). *As identificações na latência: as relações de/com objecto(s), o método C.A.T.*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Becker, T. E. (1974). On latency. *Psychoanalytic study of the child*, 293-11.
- Beetschen, A. (2013). Le paternel en attente de père. *Revue française de psychanalyse: le paternel*, 5, 1363-1369.
- Boekholt, M. (1993). *Provas temáticas na clínica infantil*. Climepsi Editores.
- Campos, D. (2003). *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e normas de interpretação*. Brasil, Petrópolis: Vozes.
- Chevalier, J., Gheerbrant, A. (1982). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Clowes, E. K. (1996). Oedipal themes in latency: analysis of the “farmer’s daughter” joke. *Psychoanalytic study of the child*, 51, 436, 19
- Delourmel, C. (2013). De la fonction du père au principe paternel. *Revue française de psychanalyse: le paternel*, 5, 1283-1353.
- Doron, R., Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia* (1ª ed). Lisboa: Climepsi Editores.
- Freud, S. (1924). The dissolution of the oedipus complex. *Standard Edition*. London: Hogarth Press. 19: 173-182.
- Fuchsman, K. (2001). What does freud mean by the oedipus complex? *Free associations*, 9, 82, 37.
- Holmes, L. (2009). Masculine and feminine: differentiation and integration. *modern psychoanalysis*, 34 (2), 1-15.

- Houzel, D., Emmanuelli, M., Moggio, F. (2004) *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente* (1ª ed). Lisboa: Climepsi Editores.
- Knight, R. (2005). The process of attachment and autonomy in latency. *The psychoanalytic study of the child*, 60, 178-210.
- Kvale, S. (1996). Part II: conceptualizing the research interview. *Interviews: an introduction to qualitative research interviewing* (pp. 17-79). California: SAGE.
- Kvale, S. (1996). Part III: the seven stages of an interview investigation (pp. 81-207). California: SAGE.
- Laplanche, J., Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise* (6.ª ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Morrison, A., P. (2009). On ideals and idealization. *Self and systems*, 1159, 75-85.
- Rawn, M., L., (1987). Transference: current concepts and controversies. *Psychoanalytic Review*, 74(1), 107-124.
- Pieri, P., F., (2002). *Dicionário jungiano* (1ª ed). São Paulo: PAULUS.
- Shentoub, V. (1999). *Manual de utilização do TAT*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Traubenberg, N, R., Boizou, M, F. (1984). *O Rorschach na clínica infantil*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Villa, F. (2013). Le père: un héritage archaïque?. *Revue française de psychanalyse: le paternel*, 5, 1381-1452.
- Waddel, M. (2002). Chapter six: latency. *Inside lives: psychoanalysis and the growth of the personality*, 81-104. London: Karnac.

# **ANEXOS**

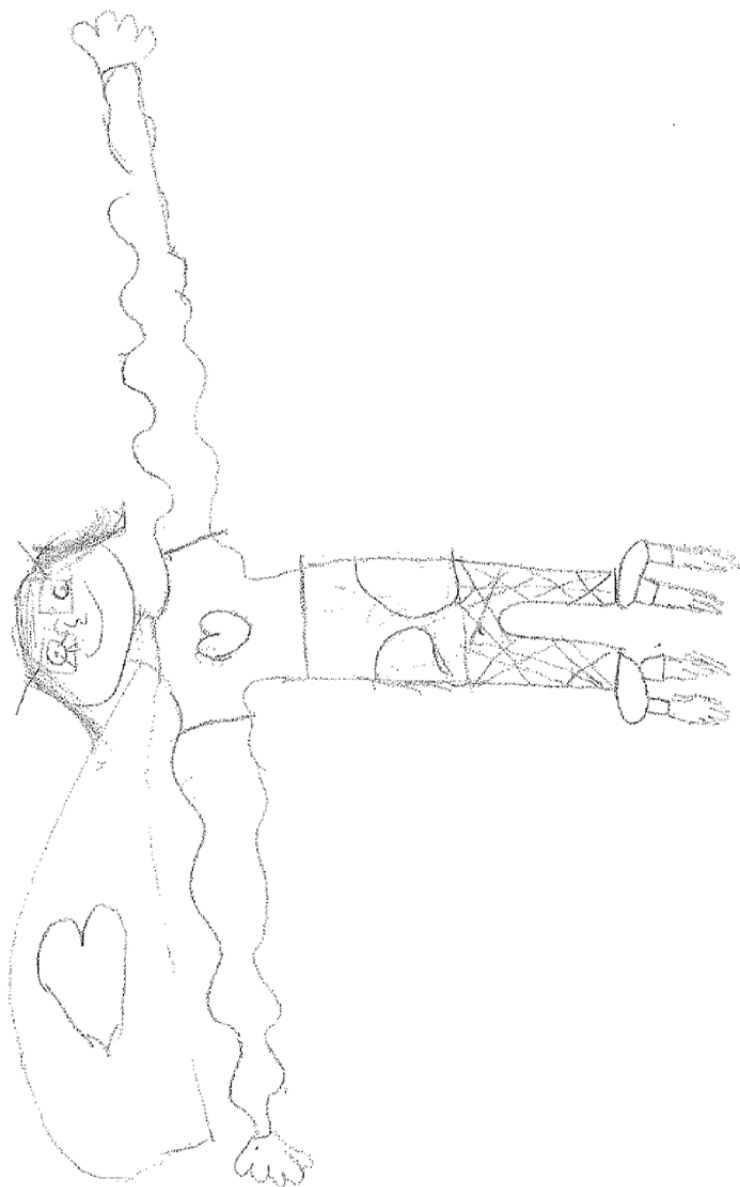
Anexo 1 – Desenho 6 anos



## Anexo 2 - Características 6 anos

- mulher dele é a mulher elástica 12
- Família dele é tb super-heroi 16
- João
- super Salvador <sup>6/3/7</sup> / leão da luz <sup>3/6/3</sup>
- Salva pessoas
- quando está na lava salta para as pedras
- consegue levantar um cristal
- tem um leão de ferro
- consegue comer cristais
- tem um carro voador que deita chamas
- helicóptro que lança chamas
- consegue voar à velocidade da luz 8
- anda num pégaso 13
- também tem um gato 10
- é simpático 10
- tem um primo 9
- quando come fica forte 10

Anexo 3 – Desenho 11 anos



## Anexo 4 - Características 11 anos

### Psicológicas:

Simpática, bondosa, super-heróica, amorosa, enigmática, esperta

### Físicas:

Elasticas, esquadrada, o cabelo é azul e lizo, tem os olhos verdes

### Gostos:

Gosta do que faz. É vegetariana. Gosta de estudar

### Sobre ela:

Ela tem família que é composta pelo seu pai, mãe e irmã gêmea, que não tem poderes.

Ela tem 18 anos e chama-se de nome: Bionaktillora, mas o seu nome de super-heróica é mulher super corações.

Estuda medicina e é de outro planeta, mas ninguém sabe qual.

No dia a dia ela vai à universidade e salva pessoas e a galáxia do Vector, que através da mente consegue controlar pessoas. Mas ela não era controlada porque usava.

## Anexo 5 – C.A.T. 6 anos

*C.A.T. Raparigas*

Nome: A.

Data de Nascimento: 10.11.2008

Habita: Pai e mãe. Tem uma irmã mais velha fora do país.

### Cartão 1

Havia três pintainhos que iam comer uma... papa ou o que é. E a sua mãe ela estava aqui a passear. Não sei se ela está a passear ou está a mirar. E o pai... como não está aqui, ele, está aqui atrás, dos filhos sem eles saberem onde é que está o pai. E aqui está uma sobremesa e os pintainhos, já tinham acabado de comer e iam comer a sobremesa.

### Cartão 2

E depois três ursos, que não conseguiam puxar a corda. O pai queria ganhar e a mãe e o filho estavam juntos. Como o pai tinha mais força, ele puxou muito, puxou puxou puxou. E a mãe como era mais fraquinha, ela puxou muito mas não conseguiu e o filho atrás conseguiu. Puxou, puxou, puxou, puxou, puxou, puxou que conseguiu. E mais eles estavam a jogar um jogo com uma corda, e eles eram os três ursos que viviam na floresta, numa casa, muito importante.

### Cartão 3

E havia um rei, na selva, que ele era campeão. E ele queria rugir para todos os animais, e ele caçava e todos os animais obedeciam ao que ele fazia. Mas só que, os maus, não apeteciam e... quando pessoas iam para lá, quando ele não tinha fome, ficavam no mesmo sítio.

### Cartão 4

Um... o que é que é este animal? (“O que é que ele é para ti?”)... Parece um canguru... (“Então é um canguru”) Três cangurus iam, estavam a passear, por o deserto e... estava muito calor lá. Então a mãe tinha um chapéu, para proteger e a filha não tinha mas, ela estava a pedalar atrás. E o seu irmão estava na bolsa da mãe. E a mãe estava a levar um cesto, para acampar e uma mala e estava a segurar do chapéu, para não voar e a filha estava a pedalar. E o irmão estava a segurar num balão e... e aqui tinha um frasco, um pão, uma cenoura... uma fruta...

#### Cartão 5

E havia uma casa, cheia... de brinquedos. E havia dois meninos que dormiam sozinhos. E eles tinham medo, porque estava escuro e a chover, e as suas mães estavam, as suas mães estavam a dormir com os pais e os bebés estavam lá e eles estavam-se a proteger... do frio. Porque eles estavam a esconder as cabeças, para não... para não tiverem sustos e para não sonharem com as coisas que eles não gostam.

#### Cartão 6

Havia, três ursos que andavam na floresta encolhidos a dormir. E o pai dormia no meio a filha dormia... Não esta aqui é a mãe, dormia na ponta e o filho na ponta... Ahhh! A mãe está aqui e o pai está aqui (o casal ao fundo da gruta). A mãe está aqui o pai está aqui e os irmãos estão aqui (urso da frente e pormenor à direita pedra/urso), os filhotes. E eles andavam à solta de casa, dormiam fora e coitadinhos, que eles dormiram num túnel, cheio de terra e folhas. E era um túnel perigoso, então eles não sabiam que esse túnel, às vezes, tinha fantasmas para os assustar. E... e morcegos, para lhes morder e... bruxas para os enfeitiçar. E eles nesse túnel, foram felizes, porque derrotaram eles, com a família toda! Fim.

#### Cartão 7

E havia. Esta aqui é fácil! Havia um tigre, que comia macacos. E ele, era muito poderoso e gostava muito de comer, saltar, morder e ele andava na selva, era o rei da selva. Quer dizer da flo... o que é isto, já não sei! Parece selva... eu acho que é... um jardim zoológico. E os macacos vivem com os tigres e os tigres não gostavam nada... que os macacos estivessem lá. Porque eles são muitos poderosos e o macaco disse “Alguém me ajude! Este tigre quer-me comer!” ele gritou para os seus amigos e “oh amigos! Venham-me ajudar! Um tigre quer-me comer e matar!”. “Ok amigo, nós já vamos ir aí!” e depois disse o tigre “Ai tu não vais conseguir escapar de mim! Porque eu sou muito rápido e ainda como os teus amigos num instante! Vais ver! Vou à procura deles, que depois mato-te depois! Vou comer primeiro os teus amigos (faz um barulho de lamber os lábios). Fim.

#### Cartão 8

E havia quatro macaquinhos e o filho estava sentado com a avó. E o pai e a mãe estavam juntos no sofá. Este aqui (quadro) que estava aqui era o bisavô. Eles estavam na sala a assistir, e depois desligaram a televisão. E a avó estava a falar com o filho e o pai e a mãe estavam a falar... Então um dia entrou um monstro para a sua casa... e... e mais que um monstro entrou vampiros e queriam matar os macaquinhos... mas eles estavam nos quartos a tentar desarrumar tudo, a fingir que o filho é que desarrumou e os pais ficaram zangados. A fingir que foi ele! Mas não foi ele! Foi os vampiros e os monstros que foram desarrumar o quarto para ele arrumar tudo de novo.

#### Cartão 9

Havia um coelhinho que dormia sozinho. E a porta estava aberta, a ver se vinha um coelhinho mau (desceu o tom de voz, ficando quase inaudível.) (“O quê?”) A fingir que tinha um coelhinho mau, mau... Aqui na porta, a abrir a porta! E como ele dormia sozinho os pais estavam a dormir no cantinho e ele foi à cama dos pais e... escondeu-se, no cobertor da cama dos pais e que ele queria ir fechar a porta, para não entrar, mas ele não conseguia, porque tinha medo. Ele, como era muito, como não era muito corajoso, chamou os pais “Pai? Podes fechar a porta? É que parece que lá tem monstros e eu não gosto!” “Ok filho! Faça tudo o que te puder fazer!” disse o pai. “Não! Porque assim fica muito escuro filho! Percebes?” disse a mãe.

#### Cartão 10

Havia um cão que ia tomar banho. E ele não queria ir tomar banho, porque... lá ele não gostava de água fria. Mas tinha que ser. E a mãe estava lá a tentar por na banheira, para tomar banho, mas só que ele não queria, fugia, e ia para o quarto... rápido, para não... de certeza não... a mãe não encontra-lo, porque ele escondeu-se num sítio muito precioso. Que era o sítio muito grande, que ele, a mãe não conseguia encontrar. Ele fugiu fugiu fugiu, correu correu correu até parou noutra terra.

Nome: L.

Data de Nascimento: 02. 05. 2008

Habita: Pai, mãe, irmão mais velho, irmã mais nova.

#### Cartão 1

... Está aqui o pai... e a mãe e o filho (da esquerda da imagem, na mesa, para a direita). E aqui está... e já querem comer a... pap... a comida.

#### Cartão 2

Este é o urso... pai, este é o urso mãe e este é o urso filho. (“E o que é que eles estão a fazer?”) Estão a puxar a corda. Estão a puxar a corda. O pai era sozinho, a mãe com o filho estão a puxar a corda. Eles todos e o pai fica sozinho a puxar a corda.

#### Cartão 3

É um tigre está sentado num banco... e está aqui um ratinho... e está a fumar.

#### Cartão 4

Depois há aqui um canguru. Há aqui um canguru mãe, há aqui um canguru bebé, aqui um canguru... irmão. E estão a andar na bicicleta, o irmão e a mãe está a saltar.

Cartão 5

Aqui já estão as camas. Aqui há a cama do bebê. Aqui há a cama... o pai das mães.

Cartão 6

E aqui estão os... parece que são lobos... está aqui um dormir, aqui o outro está com olhos abertos, a ver as folhas...

Cartão 7

Está aqui um tigre, está aqui um tigre e há aqui um... macaco. O tigre está a apanhar o macaco e o macaco largou... o... os fios, os fios das árvores. E já acabou.

Cartão 8

Aqui está o macaco pai e a mãe e a avó e o filho. (“E o que é que está a acontecer?”) O pai e a mãe estão a beber... uns cafés... (“Sim”) E depois a avó está a dizer uma coisa ao filho. Já acabou.

Cartão 9

Está aqui um coelho. A mãe, está aqui na cama a descansar, a porta estava aberta. Já acabou. (“Está aqui a mãe”) Não acho que é... esta é a mana (coelho na cama).

Cartão 10

É o cãozinho mamã e aqui o cãozinho filho, aqui estava a casa de banho... e a mãe pegou no cãozinho. E o cãozinho estava a gritar.

Nome: Mi.

Data de Nascimento: 17.03.2008

Habita: Pai, mãe e irmão mais velho

Cartão 1

(longa pausa) Era uma vez... três, como é que era? Isto aqui é o quê? (“O que é que é para ti?”) ... Pato (“Então são patos. Pode ser tudo o que quiseres nestas histórias.”) Eram três patinhos, e estavam a comer. E havia um que não tinha... um guardanapo, que é para não se sujar... e... também, depois e eles estavam a comer.

#### Cartão 2

Era uma vez, que tinha aqui uma corda, e havia três cãesinhos, e havia um que era mais pequenino e estava a ajudar os grandes. E havia um que estava sozinho e depois os outros dois estavam a puxar, para eles a corda.

#### Cartão 3

Era uma vez, que era um leão e... era um leão e rei que estava sentado numa cadeira e estava a ver tudo. Com a sua bengala ao pé.

#### Cartão 4

Era uma vez, a mãe tinha uma filha e estavam a andar juntas de bicicleta e tinha um mais bebé que, e eram gatinhos, e tinha um mais bebé que estava dentro da bolsinha dele. E a mãe estava com o cestinho e estava com uma malinha com um chapéu e o filho estava a andar de bicicleta e ela estava a saltar. E o filho mais pequeno levava lá um balão.

#### Cartão 5

Era uma vez, era um quarto sozinho. E estava lá um tapete, duas caminhas, uma era para um bebé e outra era de grande e tinha lá um candeeiro.

#### Cartão 6

Era uma vez, era dois... lobinhos e tinha, era uma mãe e era um filhinho e eram pequeninhos e estava da sua... estava da... estavam a dormir, mas o filhinho estava acordado e a mãe estava a dormir.

#### Cartão 7

Era uma vez, era um leão e... queria comer o macaco e o macaco estava pendurado às árvores, não queria ser comido. Estava a subir, as árvores com aros.

#### Cartão 8

Era uma vez, um macaco era mais pequeno. E havia três macacos, com um, um tinha umas flores, outro não tinha e outro tinha umas argolas. Já está!

#### Cartão 9

Era uma vez, que estava o filhinho do gatinho, estava ao lado da cama e quando estava a dormir acordou-se e viu lá que não estava lá a mãe. E estava a porta aberta.

#### Cartão 10

Agora era uma vez, três cãesinhos. E... um... dois cãesinhos que, um era o mais pequeno, o outro estava a deitar o outro, mas o outro estava a querer fugir. Não queria dormir.

*C.A.T. Rapazes*

Nome: D.

Data de Nascimento: 13.04.2008

Habita: Pai, mãe e irmão mais novo

Cartão 1

... Vão comer sobremesa... e depois vão para o galinheiro... e depois vão deixar ovos

Cartão 2

Os ursos estão a puxar a corda, para ver quem é o mais forte. E depois quem ficar com a corda toda, fica com a corda e depois leva-a para casa.

Cartão 3

Um leão velhote com uma bengala sentado numa cadeira, que tem um cachimbo na pata.

Cartão 4

... Aqui os canguruzinhos, o bebé vai na bolsa da mãe e vão para algum sítio e o mano ou mana mais velho vai na bicicleta.

Cartão 5

A cama dos pais ursos e a caminha dos filhotes ursinhos.

Cartão 6

A gruta dos ursos. E este ursinho... e aquele ursinho está a dormir e este ursinho está a comer as folhas.

Cartão 7

Aqui é a selva e o tigre está a tentar comer o macaco. Mas o macaco está a trepar as árvores.

Cartão 8

Aqui é a casa dos macacos e a mãe deve estar a falar com o filho e eles devem estar a gozar.

#### Cartão 9

É a casinha e a caminha do coelho... e depois ele está com medo porque vê alguma coisa a rugir numa porta.

#### Cartão 10

A mãe está sentada no banco a tentar acalmar o filho e o filho quer ir para a sanita.

Nome: Ma.

Data de Nascimento: 13.04.2008

Habita: Pai, mãe, irmão e irmã mais velhos.

#### Cartão 1

Era uma vez, a mãe galinha, que estava a por a comer os seus filhos... e... primeiro comiam a sopa e depois a seguir comiam o prato. Quem acaba-se de comer ia logo para o prato e tinham que ir para a fruta a seguir e a seguir iam lavar os dentes... e iam para a cama.

#### Cartão 2

Era uma vez, os ursos, estavam a jogar ao jogo da corda, e quem é que ia ganhar? Quem é que tinha mais força? É o... estão a jogar ao jogo da corda e tinham de puxar e quem... quem caísse perdia o jogo e quem não... e quem ganhar com a corda, o jogo da corda ganhava.

#### Cartão 3

Era uma vez, um leão que era um rei, estava no trono... que... ele... era bom rei, bom leão, tinha umas garras... umas patas e ainda tinha... muitos... muitos guardas.

#### Cartão 4

Era uma vez a mãe canguru, e o filho canguru. Estavam a andar de bicicleta, foram a passear de bicicleta... o canguru bebé ia na bolsa da mãe.

#### Cartão 5

Era uma vez a mãe, uma mãe que vivia numa casa. Tinha um bebé (fomos interrompidos por uma contínua) (“Força”). E o bebé tinha a cama, ou no quarto da mãe porque a mãe, quando o mano já estava a dormir, podia haver um bicho que ele tinha medo e depois... e depois... podia picar-lhe.

#### Cartão 6

Era uma vez, uma mãe que tinha um filho. Uma toupeira que tinha uma filha toupeira, viviam debaixo da terra estavam os dois a dormir.

#### Cartão 7

Era uma vez, um tigre que queria caçar um macaco e... para caçar tinha que... comer-lhe a carne. Mas o macaco podia conseguir, a subir as árvores, o tigre só anda no chão...

#### Cartão 8

Era uma vez uma casa de macacos e estavam os dois a conversar. Então estavam uns a dizer segredos, a tomar café. E a tia estava a falar com o filho macaco que estava em casa. (“E quem são estes dois?”) Os pais.

#### Cartão 9

Era uma vez, uma mãe, tinha uma filha, na cama... e entretanto tinha a porta aberta, estava muito escuro e ela dormia numa cama, que tinha umas coisas para ela por os braços...

#### Cartão 10

Era uma vez uma mãe que tinha uma cadeira (Entrou outra contínua). Que tinha um filho... que... estavam na casa de banho... e o filho, queria ir para o pé da sanita.

Nome: R.

Data de Nascimento: 25.08.2008

Habita: Pai, mãe e irmã mais nova

#### Cartão 1

Ahm... era uma vez uma galinha, foi pescar minhocas para fazer uma sopa para os pintainhos.

#### Cartão 2

Depois os ursos disseram “Hum aquelas galinhas eram muito deliciosas!” Depois o urso pai do outro filho... decidiram um jogo, quem puxasse com mais força ganhava e o pai urso tinha o seu urso, o seu filho a ajudar, mas o outro pai ainda não porque ele achava que era forte, não precisava de ajuda.

#### Cartão 3

Depois o... leão, era o rei e estava a ver se estava tudo bem...

#### Cartão 4

Depois os cangurus foram à floresta buscar comida. E... foram para casa

Cartão 5

Depois os pais ursos acalmaram e depois o filho... do... do urso e o filho do outro urso dormiram juntos.

Cartão 6

E depois os dois pais dormiram juntos e os dois filhos (rocha paralela ao urso em primeiro plano) em cada lado a dormir.

Cartão 7

Depois um... macaco queria ir buscar uma banana mas depois o tigre queria comer o macaco. E queria defender o seu território por causa que o macaco era muito malandro ele estava a dizer “Hum não há aqui bananas em nenhum lado. Ah mas... parte... esta parte do tigre há!” e depois foi lá, mas depois o tigre queria defender as suas... os seus filhos...

Cartão 8

Depois a mãe disse ao filho “Filho! Tu sabes que não podes ir lá para fora para o tigre!” e depois a mãe chamou as amigas para beberem um chá. E depois um amigo... e depois o filho disse “Mas eu só queria comer bananas!”, mas depois a mãe disse “Mas tu podes comer bananas aqui dentro da casa!”

Cartão 9

E depois o... coelho... saiu da floresta por causa que ele brincava muito com o macaco e... o macaco às vezes ia para a floresta e depois foi dormir o coelho.

Cartão 10

Depois o cão também era amigo e não queria tomar banho, mas a mãe dizia “Toma banho! Por causa que foste para a lama.” E o cão dizia “Não, não, não!”.

## **Anexo 6 – C.A.T. 11 anos**

*C.A.T. Raparigas*

Nome: B.

Data de Nascimento: 16.07.2003

Habita: Pai, mãe e irmãos mais velhos.

### Cartão 1

Era uma vez, uma galinha, teve três filhos. Eram inteligentes, e espertos, gostavam muito de comer, eram muito gulosos, e um dia... comeram tanto que morreram de tanto comer.

### Cartão 2

Era uma vez uns ursos, que estavam num jogo, tentaram puxar a corda e caíram.

### Cartão 3

Era um rei leão, que era o rei. Que gostava muito de comer ratos. Andava numa bengala. Gostava muito do seu trono e comandava muito bem.

### Cartão 4

Era uma vez três cangurus, a mãe e os filhos, que iam para um piquenique, levavam as suas coisas. Um ia de bicicleta, um ia à bolsa da mãe e a mãe ia a saltar. Estavam cheios de pressa e viram um lobo, esconderam-se e o lobo encontrou-os. E matou, e pronto comeu-os.

### Cartão 5

Era uma vez uns ursos, que foram para a escola, chegaram a casa muito cansados, foram para a cama. A mãe contou-lhes uma história, logo quando a mãe acabou de contar, eles adormeceram.

### Cartão 6

Era uma vez, uns ursos, estavam numa toca, a dormir. Um não conseguia bem dormir. Então fugiu da... da toca e foi à procura de comida. Logo voltou, a mãe e o pai zangaram-se muito com ele e ficou de castigo e arrependeu-se de ter saído da toca.

### Cartão 7

Era uma vez uma selva, que tinha muitos animais... eram ferozes... e alguns bondosos, queridos. Um dia um macaco, andava pelas, andava pelas árvores e viu um tigre. Ficou muito assustado. Começou a fugir e o tigre foi apanhado numa armadilha de macaco.

#### Cartão 8

Era uma vez macacos, na sua família. Um dia, começaram a beber chá, estavam a ver televisão, e a mãe de um macaco, zangou-se com ele por ele estar a falar... enquanto o programa estava a dar. Então pô-lo de castigo no quarto e o macaco ficou muito triste.

#### Cartão 9

Era uma vez um coelho... que, um dia, foi para o seu quarto. Tentou dormir, mas não conseguiu, então foi chamar a mãe. A mãe contou-lhe uma história, e ele adormeceu.

#### Cartão 10

Era uma vez uns cães... a cadela foi brincar com os seus amigos, não avisou a mãe nem o pai. Então eles ficaram muito assustados. Quando ela voltou, o pai e a mãe começaram-lhe a bater, por ela não ter avisado.

J. rapariga

#### Cartão 1

São patos a comer... e a mãe está a olhar... a mãe galinha...

#### Cartão 2

Parece aquele jogo que... parece aquele jogo em que temos de puxar a corda e ver quem é que fica com o mais possível de corda.

#### Cartão 3

É um leão velhote... parece o rei, talvez o rei leão.

#### Cartão 4

Um canguru que vai levar qualquer coisa no cesto e... leva os seus filhos... um na bolsa e outro de bicicleta.

#### Cartão 5

É um quarto com bebés ursos... dois...

#### Cartão 6

Parece uma gruta com ursos...

Cartão 7

Um tigre a atacar um macaco na selva.

Cartão 8

Um chá entre macacos.

Cartão 9

Um quarto de um coelho, só na cama.

Cartão 10

Dois cães na casa de banho.

Nome: H.

Data de Nascimento: 24.6.2003

Habita: Mãe e irmão mais novo. Vê o pai semanalmente.

Cartão 1

Parece uma mãe galinha a dar comida aos filhos, estão à mesa. E vão começar a jantar ou a almoçar ou a tomar o pequeno-almoço.

Cartão 2

Parece que estão a fazer um jogo para puxar a corda a ver quem é o mais forte.

Cartão 3

Parece... um avô leão, que está cansado e sentou-se para fazer... a descansar um pouco.

Cartão 4

Parece... a mãe canguru e o filho a levar o filho à escola e a levar, quer dizer os três! A ir levar os filhos à escola.

Cartão 5

Parece que é de noite. Parece que vai começar toda a gente a dormir. Já não há barulho na casa.

Cartão 6

Parece três ursos a hibernarem... no Inverno

Cartão 7

Parece um tigre a tentar caçar um macaco. Ou discutiram ou assim. (“Estão a discutir?”) Sim.

Cartão 8

Parece uma família de macacos que juntaram-se todos para fazer uma festa ou jantarem todos e estão a conviver.

Cartão 9

Parece que é de dia, começou toda a gente a levantar e já está o coelhinho levantado.

Cartão 10

Parece... que a mãe... a mãe deste... deste cãozinho está... parece que está engasgado. (“O cãozinho está engasgado”?) Sim.

*C.A.T. Rapazes*

Nome: E.

Data de Nascimento: 23.01.2003

Habita: Pai e mãe.

#### Cartão 1

Havia, era uma vez, uma família de galinhas, e os vizinhos eram um porco e um pato. Então a mãe galinha foi pedir para fazer a comida aos outros dois para a ajudarem a plantar, a recolher e a fazer a comida, mas não eles não queriam fazer por isso em vez de dizerem não, mentiram a dizer que lhes doía a barriga. Então todos os dias ela fazia comida para eles os dois. Mas houve um dia em que ela partiu a perna porque não tinha ajuda, porque... foi desajeitada e quem teve de ajudar foi os três filhos, duas raparigas e um rapaz. E depois não tinha ninguém para ajudar a não ser os filhos e os filhos chamaram alguém, como sabiam que aqueles dois amigos da mãe não a iriam ajudar. Foram chamar uma ambulância, depois quando fez o jantar, eles foram para a mesa e a mãe galinha perguntou “Então ainda têm dores de barriga?”. E eles disseram, sim ainda temos dores de barriga e depois no prato ela tinha posto uma coisa com uma mantinha para eles os dois e depois pôs comida para os seus filhos e para ela própria. E ela disse “Agora podem ir para vossa casa”, depois os dois disseram “Ok, muito obrigado” e em casa eles quando tiraram o pano, viram que era um xarope para dores de barriga.

#### Cartão 2

Era uma vez... numa floresta havia três ursos, um urso mau, que não tinha família, era invejoso, queria tudo para ele, e passava e matava e agredia e chamava nomes e fosse o que fosse preciso para conseguir o que conseguisse, conseguisse o que quer. Então num jogo... num jogo num jardim, num jardim havia um jogo de puxar a corda e havia do premio de puxar a corda uma taça de ouro... com mel lá dentro. Então o urso mau queria a taça, mas aquilo era um concurso de pai e filho, mas também deixavam participar quem não tinha pai e filho, ou fosse só filho, mas aquilo era mesmo para os pais e filhos, mas ele participou à mesma. Então, um pai e um filho, tentaram puxar a corda, mas ele fez batota sem ninguém ver, fazendo uma rasteira, mas havia um urso e o filho que reparavam naquilo sempre, mas mais ninguém reparava, só quem era atirado ao chão. Então quando foi a vez deles, foi a última vez e eles puxaram a corda, e quando foi para ele lhes fazer a rasteira, o filho largou a corda, chegou-se à frente e atirou-o por trás, debaixo da terra. E assim o urso, toda a gente descobriu que ele tentou fazer uma rasteira a eles, como fez aos outros, e os juízes desclassificaram e eles ganharam e ficaram com o troféu e o mel.

#### Cartão 3

Ok, num reino muito muito distante, havia um leão que era egoísta, e matava muitos aldeões, porque não faziam o que ele queria. E esse leão usava uma bengala e gostava muito de fumar. Mas havia um ratinho muito esperto... que sabia que em vez da física era melhor a astúcia, então um dia, que ele estava sempre a tentar matar aquele rato, e ele chamava-lhe assim “Seu Rato miserável, vem cá que eu já te mato”. Então um dia o leão estava sentado na sua poltrona de rei... que não tinha nada para fazer e estava à espera que acontecesse alguma coisa, e depois o rato, começou sempre a roer a cadeira, até que passado seis meses, conseguiu roer uma perna e quando o leão se sentou, a cadeira partiu-se e o rato estava lá à frente a rir-se e a dizer “És um leão parvo, não devias ser rei” e depois o rei disse, o rei leão disse “Eu não devia

ser rei, pois tu devias ser um estufado” e depois o leão foi atrás dele. Mas ele desta vez sabia que o leão ia atrás dele e fez um percurso diferente, foi para a cozinha e o leão queimou o rabo. Depois foi para o quarto, para um quarto cheio de queijos, onde também estavam ratoeiras e ele ia para cima do queijo, comia o queijo e o leão era atacado pelas ratoeiras todas. Depois o rato estava na janela, mas antes de ele estar na janela ele tinha posto... no dia anterior uma... um banco pequenino de três centímetros, e depois quando o rei foi para o apanhar, o rato desviou-se e o rei leão, caiu do castelo acima... quer dizer, caiu do castelo abaixo e foi parar à água, e depois quando saiu da água foi atacado por jacarés. E depois o rato foi coroado rei por ter vencido o leão com a astúcia e não com a física.

#### Cartão 4

Numa floresta, havia uma mãe canguru, que tinha dois filhos, uma criança de dez anos e um bebé de um ano. Então ela um dia foi à praça comprar leite, e quando ela foi à praça comprar leite, estava a dirigir-se para casa, sem querer, a filha de... a filha mais velha, cai da bicicleta abaixo e... porque ela estava a andar de bicicleta, e a mãe canguru pára o seu caminho, mas antes a bicicleta desfaz-se de uma roda, fica... desaparece. E ela diz, quando estão em casa (a ferir da ferida??) “mamã, mamã, falta uma roda posso ir procura-la?” e a mãe diz “Claro, podes ir procura-la filha”. E depois a filha vai. Quando a mais nova e a mãe ficam a almoçar. Então a filha procura na floresta inteira, pergunta a toda a gente, se viram uma roda... de bicicleta. Entra na biblioteca e procura em todos os livros. Entra num sítio... de lojas de bicicleta e... e pergunta se tinham encontrado uma roda, mas não ninguém encontrou. Depois ela ali viu a sua roda, mas estava num precipício quase a cair. E ela com cuidado e jeitinho foi lá e tirou dali a roda. Mas depois o chão começou-se a partir. E depois a mãe canguru, tinha mais ou menos um dom de saber quando a filha estava em perigo, saiu logo de casa. Então ela saiu logo de casa a correr e a saltar muito depressa e muito alto, para ir salvar a filha. Quando a filha estava quase a cair, a filha mais nova pega a filha pela cauda e manda-a para fora do precipício e a filha diz “Mãe encontrei a roda”. E depois diz à irmã “Irmã obrigado por me teres salvo, se não fosses tu já estava lá esmagada em baixo”. Depois voltou para casa e arranjou a bicicleta.

#### Cartão 5

Era uma vez... uma família de ursos... De quatro ursos, dois irmãos um pai e uma mãe. E era época de caça aos ursos. Depois haviam caçadores, a tentar matar os ursos para ficar com a pele deles, a carne e ganhar dinheiro. Então os filhos estavam a dormir, mas os pais estavam escondidos e os caçadores invadiram aquela casa e quando viram os ursos, os filhos atiraram-se para a cara deles e eles dispararam para o teto... eram dois caçadores e cada um atirou-se e quando eles dispararam para o teto o candeeiro caiu em cima da cabeça de um caçador, que era um caçador gordo e o outro era magrinho. Então o gordo atirou o candeeiro, quase tentando acertando nos filhos. Mas não, acertou na janela partindo os vidros. E os ursos tentaram defender-se atacando-os. Mas o caçador filho escondeu-se debaixo da cama, e... sabiam dos ursos bebés estavam onde eles estavam, então ele ia disparando para os pés deles para eles caírem e depois disparar-lhes para as cabeças, para as duas. Mas, ele tinha-se esquecido de por lá as balas, porque ele era muito distraído, e quando pôs as balas disparou para a cama e cama caiu em cima dele... partindo-se. E depois o urso... o urso pai, tentou atacar o caçador gordo, mas não conseguiu, porque ele atirou-lhe o candeeiro e o urso pai desmaiou. E depois... a mãe urso dá-lhe um murro na cara, uma sova na cara e o caçador gordo desmaia e é atirado pela janela e depois os caçadores, que também estão lá a caçar, veem patas de urso na cara deles e quando vão entrar em casa levam... levam com um balde de água gelado e depois caem numa corda e num buraco que estava ali no chão. E ao caçador magro, apareceu na janela da casa de todos os caçadores.

## Cartão 6

Havia uma família de ursos, dois ursos bebês e dois ursos grandes. Era Outono e eles ainda iam para hibernar, mas depois a gruta deles estava cheia de rochas, porque na semana anterior tinha havido um tremor de terra. Então eles foram à procura de grutas e as grutas que não tinham rochas já estavam cheias eles ficaram meses a procurar e depois tiveram, quando chegou o Inverno, ficaram acordados muito tempo. Três dias de Inverno, até que encontraram uma gruta, mas aquela gruta era muito instável, depois da Primavera, o filho acorda os pais e o seu irmão e estão lá trancados lá dentro. E depois quando estavam a sair não conseguem e depois o mais novo, que não costumava, costumava ter ideias que não faziam sentido, disse aos pais e ao irmão “Porque é que não fazemos um buraco como os cães?” e o pai disse “Filho, nós não somos cães, somos ursos, temos de destruir estas rochas e sair daqui” e o filho concordou com o pai, o filho que não tinha tido a ideia. E depois o outro filho que tinha tido a ideia começou a cavar um buraco, quando eles estavam a tentar destruir as rochas. Passado uma hora os pais disseram “Em vão isto é tudo em vão, vamos morrer cá dentro”. Depois o filho viu uma rocha debaixo de uma grande e tirou com as suas patas, tira a rocha de lá e tudo cai e depois os pais dizem “como é que tu conseguiste sair daí?... Sair da gruta, de dentro da gruta?” e o filho responde “Pelo um buraco. Eu disse para fazermos um buraco como os cães, mas vocês não me ouviram” e depois no próximo ano voltou a acontecer o mesmo, mas desta vez os pais fizeram um buraco como os cães.

## Cartão 7

Há uma lenda muito antiga que fala de um tigre chamado Riscas e de um macaco herói, que se chamava... que se chamava Vanguru e depois o Riscas, comia tudo o que via, não tinha piedade de nada e havia uma aldeia lá perto, que era a aldeia dos homens, e ele ia lá muitas vezes comer homens. Mas um dia o macaco disse, estou farto do Riscas! Vou matá-lo... ou livrar-me dele, como seja, mas espero é não morrer disse o... Vanguru e depois numa... num dia o Riscas estava a tentar comer a namorada do rei dos macacos, a rainha dos macacos, e depois quando o macaco vê isso, o... Vanguru. Vai com uma liana à cara do tigre, e aí ele é atirado para o chão e depois quando o tigre vai atacá-lo, ele desvia-se e dá-lhe com a cauda na cara e depois... começa-se a esfregar no nariz do Riscas e ele espirra e ele é atirado para trás, e depois quando Riscas acorda. Abre os olhos, vê o Vanguru e vai o comer, mas depois um caçador dispara uma bala e... mata, quase mata o tigre, atingindo-o na cara, na cauda. E depois o tigre vê aquilo e vai contra o caçador tirando-lhe a arma das mãos e... impossibilitou-o de sair de lá e quando era para o matar... Vanguru atira-se para cima dele, com uma pedra, espeta-lhe no corpo e depois Riscas morre e depois a rainha e o rei agradecem e o caçador também e depois os homens começam a ficar amigos dos macacos e de todos os outros animais que não comiam tudo à toa como o Riscas.

## Cartão 8

Havia uma família de macacos, uma mãe, um filho e um pai e uma avó... uma tia (em vez de avó). Então o filho estava a brincar com a mãe e o pai estava a falar com a tia... e a tia chamava-se tia Rosa, porque adorava rosas. Então o filho, o que se chamava Junkie? Adorava brincar nas árvores e um dia quando estava a brincar nas árvores, cai de uma liana abaixo, a tia vê e deixa cair a chávena e depois a tia gosta tanto do seu sobrinho que é como se fosse um filho para ela, e parte a janela para sair de casa e depois quando vai para lá, encontra um leão que o quer comer. E depois o pai e a mãe atiram-se ao leão, mas são atacados e ficam com arranhões nas pernas, nos braços e no peito e depois o filho está a chorar, começa a chorar e o leão diz “A tua vida, o teu destino é este”. Depois a tia responde “não é nada! O teu destino é que é este” e atirou-lhe uma pedra à cabeça e ele desmaia e depois o filho e a tia vão se embora com os pais, pela mãe.

#### Cartão 9

Havia um coelhinho, um coelhinho que adorava tocar harmónica, ele pertencia a uma banda. Então ele todos os dias treinava com a banda e fazia concertos de harmónica e toda a gente gostava dele, até que um dia lhe entrou uma pessoa lá em casa para lhe roubar a harmónica. Mas ele tinha um amigo, um gatinho, muito pequenino e bebezinho e sabia que ele estava a ser roubado, por isso atirou para... cima da cabeça... atirou-se para a cara do ladrão, depois o ladrão caiu nas escadas, o gatinho... deixa a harmónica nas escadas e depois começa a arranhar o ladrão, depois o coelho vê o que é, mas o ladrão não o vê. E depois ele vai para o quarto, tranca-se e começa, telefona à polícia, quando a polícia lá chega, o ladrão, vê-se que o ladrão está a ser arranhado por uma gata bebezinha e o coelho agradece à gata e à polícia por... lhe... terem, para a polícia o prender e para a gata lhe salvar a harmónica. E depois o coelhinho também agradece ao ladrão por ter-lhe mostrado que a gata dele, não é uma gata qualquer, é uma gata inteligente e forte.

#### Cartão 10

Havia uma mãe e um filho. O filho adorava fazer disparates e a mãe não gostava. Não gostava nadinha, então cada vez que ele fazia disparates, levava um tau tau no rabo. Mas ele às vezes até gostava, porque a mãe dele não, não lhe ligava muito, por isso ele fazia sempre disparates. Mas depois houve um dia em que o filho foi para um colégio interno e disse à mãe, “Mãe tu nunca me ligas, estás sempre na tua vida social nunca passas com a tua... com o teu filho!” e depois a mãe diz “Não passo porque não tenho tempo.” “Mas tu nunca passas! Em que dia é que eu faço anos? Quantos anos é que eu tenho?” e a mãe disse “Desculpa esqueci-me! Tive uma branca”. E depois passado um mês, fazia, ele fazia anos e disse “Em que dia é que eu faço anos?” “Não sei, tive uma branca outra vez!”. “Eu hoje faço anos! Eu hoje faço anos mãe! Tu nunca me ligas! Por isso é que eu estou sempre a fazer disparates!”. “Desculpa filho, tens razão” diz a mãe. E depois a mãe começa-lhe a dar muitos miminhos e muitos presentes, e depois o filho pára de fazer disparates, porque o filho na verdade... portava-se bem e só fazia disparates para chamar a atenção da mãe. E depois quando ele era crescido e tinha o seu próprio filho, não aconteceu o mesmo e a avó explicou ao seu neto... e a mãe, e a mãe... do filho, explicou ao seu neto, que isso já tinha acontecido e que o filho dela, não... lhe iria fazer isso.

Nome: PC.

Data de Nascimento: 30.07.2003

Habita: Pai e mãe.

#### Cartão 1

Era uma vez, três pássaros... a jantar à mesa... massa... com a mãe a vigiar, e... prontos para comer.

#### Cartão 2

Era uma vez, três ursos, que estavam a jogar ao jogo da corda... e... eram... uma mãe e um filho contra um pai

Cartão 3

Era uma vez um rei, chamado leão, sentado na cadeira do trono, com uma bengala.

Cartão 4

Era uma vez, uma mãe canguru e um filho, a andar de bicicleta, e a mãe... a transportar o seu outro bebé e um cesto... de lacticínios. Na floresta.

Cartão 5

Era uma vez, um quarto com duas camas, a janela aberta, não. A persiana aberta e... duas crias de urso a dormirem, num... numa cama de bebé.

Cartão 6

Era uma vez, um quarto, tinha uma cama... estava vazia e no chão estava um gato.

Cartão 7

Era uma vez, na selva, um tigre a atacar um macaco... passava de liana a liana.

Cartão 8

Era uma vez uma família de macacos, que estavam... a tomar um chá, no sofá... da sala.

Cartão 9

Era uma vez um quarto, que tinha lá uma cama, que lá dentro estava um coelho.

Cartão 10

Era uma vez dois cães, a mãe e o filho, a irem para a casa de banho. Mais nada.

Nome: PA.

Data de Nascimento: 24.07.2003

Habita: Pai, mãe e dois irmãos mais novos.

Cartão 1

Então, são os pintainhos que têm fome, e a mãe serviu-lhes o comer, e eles estão prontos para comer.

Cartão 2

Isto são ursos? O que é que são? São ursos?... Então os ursos estão a fazer um jogo para ver quem é que são os melhores, e o pequenino está a ajudar o pai.

Cartão 3

O leão é o rei não é? Não precisa de coroa! A juba já é coroa não é?... Este eu não tenho muita história... (longa pausa) Este eu não tenho muita!... (“Queres passar ao próximo?”) Sim.

Cartão 4

Então! É a mãe que está a levar comida, o bebé vai na bolsa do canguru e o outro canguru vai na bicicleta, agarrado à cauda da mãe para ir mais rápido.

Cartão 5

Isto são ursinhos bebés não é? É não é? Parece! (“Pode ser tudo o que quiseres que seja.”) Muito bem, os ursinhos bebés não conseguem dormir porque há muita chuva, está a cair muita trovoada então não conseguem dormir, têm medo. São bebés!

Cartão 6

Aqui é um animal, está dentro de uma gruta, a sua casa se calhar! E... está a comer.

Cartão 7

Estão numa selva, o tigre está com fome e está atrás do macaco para o comer... Mas o macaco foge, e ele não come nada...

Cartão 8

Estão numa festa, os macacos... estão em casa dos amigos! A beber chá e isso... e este (macaco mais pequeno) está-se a portar mal, então a mãe está a zangar-se com ele.

Cartão 9

... (longa pausa) este aqui não me diz muito. (longa pausa). Hum... (longa pausa). Hum... (pausa) o coelhinho está doente, então os pais foram ver se ele estava bem... e está! Está deitado!

Cartão 10

A mãe está a arranjar o cãozinho para ficar bonito! Para ir para a escola!

## Anexo 7 – Entrevistas 6 anos

### *Entrevista Raparigas*

Entrevista – A.

- Eu vou-te pedir para me falares sobre o que é que te foi importante para ti, no herói?

Por causa que gosto de ver filmes. E também por causa que penso que os heróis são os melhores do mundo.

- Porque ele gosta de ver filmes e porque pensa que os heróis são os melhores do mundo?

Por causa que eu vejo filmes e porque penso nisso.

- Ah, ok. E nele? O que é que gostaste nele?

Dos sapatos saltitões e do lazer.

- hum hum.

E da capa. Não gostei da cabeça porque é retangular.

- Não gostaste da cabeça que é retangular. E porque gostaste dessas coisas?

Porque... gosto de saltar e também brinco ao Star Wars com a espada lazer. E porque também tenho uma capa lá em casa.

- Ok. E a cabeça não gostaste.

Podia ser redonda.

- Hm, pois podia... e imaginando que tu passavas um dia com ele...

Com quem?

- Com ele (aponto para o herói desenhado). O que é que achas que podiam fazer?

... não sei.

- Podes imaginar à vontade...

... ahm... íamos brincar com o cão dele à busca.

- Ok. Ele podia ser teu amigo?

Sim! (esboça um grande sorriso)

- O que é que vocês faziam se fossem amigos?

... (diz que não com a cabeça)

- Não sabes, ok. Tens mais alguma coisa que me queiras dizer sobre ele?

...

- Então pronto, vou parar agora aqui o gravador...

## Entrevista – MI.

- Então vou-te pedir para me falares sobre o que é que te foi importante para ti neste herói?

Foi... o cinto...

- O cinto...

E a capa... e a espada...

- hum hum

E as pernas, e os sapatos e o fogo.

- Ok. E porquê essas coisas?

Porque estão muito giras.

- Hum-hum... Podes falar um bocadinho mais sobre isso?

Sim... E também está giro os olhos e a boca.

- Gostas também dos olhos e da boca, porquê?

Porque está giro...

- Ok... e imaginando que tu passavas um dia com ele. Como é que achas que ele é?

Forte...

- Hum-hum...

...

- Ok é forte, e o que é que vocês podiam fazer?

Andar com ele... e... ajudá-lo.

- E ajudá-lo. A fazer o quê?

Que é para ele conseguir mais.

- Para ele conseguir mais?

...

- Mais o quê?

Para ele conseguir a voar mais.

- Ok. E tu gostaste dele?

Sim.

- Ele podia ser teu amigo?

Sim.

- O que é que achas que podias fazer com ele como amigo?

Ah... Andava com ele...

- hum-hum...

Pela rua... e andava com ele.

- Ok. Então olha muito obrigado.

#### Entrevista – L.

- Então eu peço-te para tu me falares sobre o que é que te foi importante neste herói?

...

- O que é que tu gostaste nele, o que não gostaste...

Eu gostei do cinto.

- Hum-hum...

E também da boca.

- Porquê do cinto?

Porque tem um (desenha no ar um “W”)

- Um “W”.

Sim. E também... o... a capa... do ... do super...

- Gostaste da capa também...

Sim.

- Porquê da capa?

Porque também tinha verde.

- Também tinha verde! E a boca?

Ah... eu também já disse.

- Mas porque é que gostavas da boca?

Porque tem estes dentes.

- Porque tem uns dentes ok. E mais sobre ele?

Também gostava de... do sapatos... tem... fogo.

- Gostaste do fogo nos sapatos, porquê?

Porque também podia... ir... pelo... (com a mão imita um objeto a voar)

- Porque podia voar...

Sim.

- Hum hum...

E também gostei... da... do poder da água.

- Gostaste do poder da água, porquê do poder da água?

Porque também... pode... também... pode por água...

- Ok, porque pode por água.

Sim.

- Ele podia ser teu amigo este super-herói?

Sim!

- Podia o que é que faziam se fossem amigos?

A brincar... e também salvar as pessoas.

- Podiam brincar, salvar pessoas... Como é que salvavam?

Nós usamos o fogo quando está uma pessoa a gritar nós podemos salvá-la...

- Hum hum... Ok e gostavas dele como amigo?

Sim.

- O que é que tu gostavas nele?

Porque tem este cinto do... herói.

- Ok, então olha tens mais alguma coisa que me queiras dizer sobre ele?

Não.

- Eu vou-te pedir para me falares sobre o que é que te foi importante para ti, no herói?

Por causa que gosto de ver filmes. E também por causa que penso que os heróis são os melhores do mundo.

- Porque ele gosta de ver filmes e porque pensa que os heróis são os melhores do mundo?

Por causa que eu vejo filmes e porque penso nisso.

- Ah, ok. E nele? O que é que gostaste nele?

Dos sapatos saltitões e do lazer.

- hum hum.

E da capa. Não gostei da cabeça porque é retangular.

- Não gostaste da cabeça que é retangular. E porque gostaste dessas coisas?

Porque... gosto de saltar e também brinco ao Star Wars com a espada lazer. E porque também tenho uma capa lá em casa.

- Ok. E a cabeça não gostaste.

Podia ser redonda.

- Hm, pois podia... e imaginando que tu passavas um dia com ele...

Com quem?

- Com ele (aponto para o herói desenhado). O que é que achas que podiam fazer?

... não sei.

- Podes imaginar à vontade...

... ahm... íamos brincar com o cão dele à busca.

- Ok. Ele podia ser teu amigo?

Sim! (esboça um grande sorriso)

- O que é que vocês faziam se fossem amigos?

... (diz que não com a cabeça)

- Não sabes, ok. Tens mais alguma coisa que me queiras dizer sobre ele?

...

- Então pronto, vou parar agora aqui o gravador...

## Entrevista – MA.

- E pedia-te para me falares sobre o que é que te foi importante para ti neste herói.

O que foi importante... deixa cá ver...

- O que é que tu gostaste no herói, porque gostaste disso...

Gosto da pintura...

- Gostaste da pintura...

Sim... gostei das perguntas... do nome que deram...

- Gostaste do nome que deram...

Gostei de muita coisa!...

- Queres falar um bocadinho sobre essas coisas que gostaste?

Sim... Então... eu... (começa a falar sozinho num tom apreensivo e a abanar o corpo)

- Não faz mal, podes demorar o tempo que quiseres!

... (longa pausa e recomeça a ficar nervoso)

- Queres ajuda? (acena que sim) O que é que tu gostaste?... Por exemplo se gostaste... de características físicas dele...

Sim gostei dos poderes...

- Gostaste dos poderes...

As pernas, os pés estas coisinhas aqui (referente aos sapatos voadores), a capa, o corpo, o cinto, a cara, a boca, o nariz, os cabelos e as orelhas...

- Queres falar um bocadinho dessas coisas que me falaste? Porque gostaste delas...

Porque, gosto muito e... e... e adoro muito as coisas...

- Gostaste dos poderes dele? Por exemplo.

Sim gostei!

- Porquê os poderes?

... Porque... fiz quatro poderes, o da água, do fogo, do gelo e da pedra.

- Ok, e o que é que ele faria com esses poderes?

Para atacar.

- Para atacar, ok. E as outras coisas que tu falaste?

... Foram...

- Porque gostaste dessas coisas? Por exemplo da capa, ou dos pés... do que falaste, do cinto...

É que eu adoro muitas coisas... e... normalmente, eu para além de adorar muitas coisas... gosto de ter... várias coisas, vários brinquedos... e tenho lá um super-herói em casa que é o Homem-Aranha...

- Ok, e também tens um Homem-Aranha na tua t-shirt...

Sim.

- Hum-hum... e esta pessoa imaginas que podia ser teu amigo?

Sim.

- O que é que achas, como é que achas que ele era como teu amigo?

Brincávamos juntos.

- Hum-hum...

Jogávamos à bola... ahm... conversávamos e várias coisas.

- Ok, obrigado! E ele como pessoa, como é que achas que era?

Era com uma cabeça assim redondinha, com um cabelo, uns pés... tinha muita roupa, uns braços, um pescoço, uma boca... e um nariz

- E como é que ele se dava com as outras pessoas?

Bem...

- Dava-se bem! E o que é que ele fazia?

Fazia coisas boas, fazia espetáculos que as pessoas gostavam...

- Espetáculos?

Sim...

- Podes-me dar um exemplo, por favor?

Sim... Ainda gostava de cantar, para as pessoas ouvirem e gostava de ir ao cinema.

- Ok, obrigado. Tens mais alguma coisa que me queiras dizer sobre ele?

Não?... Ok, muito obrigado pela ajuda!

#### Entrevista – R.

- E então peço-te para me falares um bocado sobre o que é que te foi importante neste herói.

Hum... os poderes.

- Os poderes, e porquê os poderes?

Porque se o super-herói não tivesse poderes não salvava ninguém.

- E é importante que ele salve pessoas.

Sim.

- Ok...

Senão não é um super-herói, é um super-herói falso.

- E este super-herói tem poderes e salva pessoas. Como é que ele salva?

Salva com os poderes...

- hum-hum...

Se uma pessoa estiver com uma casa a arder, ele usa o poder da água... Se for... se... se uma pessoa... se um monstro estiver a atacar, ele salva com os poderes...

- Ok. Ele salva então as pessoas, e mais sobre ele?

Hum...

- O que é que tu gostaste dele?

Da capa.

- Gostaste da capa, porquê?

Porque assim pode voar.

- Porque ele voa assim... hum-hum... e mais?

Dos ténis voadores.

- Dos ténis voadores, tu gostas que ele voe então.

Hm-hm!

- Porquê?

Porque se um monstro... ahm... fizesse um... se um monstro fosse gigante e ele tinha o poder do super grito e ele não voasse, não conseguia tapar a boca.

- Ok...

Para ele não destruir a cidade.

- Hum-hum... e imaginas que ele poderia ser teu amigo?

Sim.

- Sim? E o que é que vocês faziam?

Quando... era um dia de calor podia encher com o poder da água, a piscina.

- Ok...

E quando era frio podia... se nós não tivéssemos nada de fogo ele podia encher com o seu poder de fogo...

- Hum-hum...

No Inverno...

- E o que é que tu gostavas nele como teu amigo?

Hm... brincar com ele...

- Gostavas de brincar com ele... ao que é que vocês brincavam?

Hm... brincávamos... à apanhada e às vezes íamos ver o mundo inteiro.

- Iam ver o mundo inteiro, a voar?

Hm-hm.

- Hum-hum, e queres-me contar mais alguma coisa sobre ele?

Hm... não.

- Não, ok, obrigado!

## Anexo 8 – C.A.T. 11 anos

*C.A.T. Raparigas*

Entrevista – B.

- Então, podes-me falar sobre o que te foi importante para ti neste herói?

Porque fizemos os cinco, todos em conjunto, demos muitas ideias. Algumas concordámos e algumas não concordámos, mas fizemos como todos quisemos. Então é por isso que gostei de fazer o herói, com os meus amigos e colegas

- E o que é que gostaste nele?

Gostei dos poderes, das ideias...

- E o que gostaste nos poderes ou nas ideias?

De ter, de ser elástica, de ter pés a jatos...

- Hum hum

De voar...

- Sim

E de ter abdominais

- E de ter abdominais ok. Gostaste das características dela de super-herói

Sim.

- E porquê dessas características?

Porque pusemos uma, uma... pronto uma menina simpática, bondosa e... não sei...

- Ok. Gostaste então da personagem que ela foi?

Sim.

- O que é que gostarias mais dela? O que é que gostaste mais dela?

Dos poderes.

- Dos poderes dela. E de características da personalidade dela?

Ser bondosa e simpática...

- E porquê essas duas?

Porque a simpatia é muito importante numa pessoa e a bondade também.

- Ok. E ela tinha as duas.

Sim.

- E o que é que tu dirias dela se me estivesses a falar sobre ela, o que é que poderias dizer?

Que... não sei.

- hm hm ok. Ahm... Tens alguma coisa dela que te ficou para ti, que outras pessoas não tenham dito mas que para ti te fazia sentido?

Esperta.

- Esperteza, não falaram de esperteza. Porque é que... falámos de esperteza, acho que escreveram. Porquê a esperteza?

Porque... ser esperta também ajuda, em ser heroína, então é por isso que também queria, lembrei-me de esperta.

- Ok. Imaginando que tu passavas um dia com ela. Podias passar um dia com ela. O que é que tu imaginas que podiam fazer?

Podíamos salvar o mundo. Ela podia falar sobre ela. Dizer como foi a sua infância, dizer como gostava de ser quando fosse, quando crescesse mais... e depois íamos para a escola também. Brincar com os nossos colegas.

- Ok obrigado. Eu acho que não tenho mais perguntas. Tens alguma coisa que queiras dizer mais?

Não.

- Ou perguntar?

Não não.

- Ok então obrigado.

#### Entrevista – J.

- Então eu ia-te pedir para me falares sobre o que te foi importante para ti, neste desenho, neste herói.

...

- Que características é que tu gostaste...

Gostei da característica do azul, do cabelo azul, que é a minha cor preferida...

- Ok.

Da parte de gostar de estudar...

- Hum hum...

E mais nada assim.

- E mais nada. Ahm e nesta pessoa? Imaginando que este herói era uma pessoa, como é que tu achas que ela era?

...

- Se a encontrasses na rua, tu gostavas dela? Achas que te podias ir falar com ela?

Não.

- Não? Porquê?

Porque os braços são estranhos.

- Porque os braços são estranhos no desenho... Ahm e outras coisas que tu tenhas gostado ou não tenhas gostado então nela?

Não gostei dos braços...

- Hum hum, porque são estranhos.

Ahm... gostei da parte do cabelo azul, como já tinha dito. Acho a parte do jato nos ténis fixe...

- Hum hum

Mais nada.

- Ok. E a nível da personalidade dela? Gostaste que ela estudasse, já me disseste...

Sim... e de gostar do que faz.

- E do gostar do que faz, ok. E porquê do gostar de estudar?

Porque eu gosto de pessoas aplicadas.

- Que gostam do que fazem, ok. E imaginando que tu passavas um dia com ela, se fosse possível, o que achas que podiam fazer?

Ir salvar pessoas...

- hum hum. Ok. Então olha eu não tenho mais perguntas, tens alguma coisa que queiras dizer mais? Ou perguntar?

Não.

#### Entrevista – H.

- Então, podes-me falar sobre o que te foi importante neste herói?

Gostei quando... tentámos desenhar o herói, à nossa criatividade e... isso foi interessante e criativo.

- Ok. E dele o que é que gostaste? Ou dela?

Hum... dos braços elásticos.

- Gostaste dos braços elásticos...

E da visão raio-x

- E da visão raio-x. E outras coisas?

Ahm...

- Lembras-te do que é que fomos dizendo dela? Do que foram fazendo?

Sim. É simpática, é bondosa, gosta de ajudar as outras pessoas. É Vegetariana e tem família, vive com a mãe...

- Ok. E das características que fomos dizendo dela, o que é que para ti foi importante?

Ser bondosa, simpática com as outras pessoas, ajudar as outras pessoas...

- Porquê essas?

Porque ajudar as outras pessoas é... um dia... imaginando que, imagina ajudar a apanhar alguma coisa do chão a um professor, algum dia pode acontecer alguma coisa boa como essa.

- Ok. Então gostas de pessoas que ajudam.

Sim.

- Características físicas dela?

Ahm...

- Tens aqui (a folha com características que escreveram) se quiseres.

Sim. O cabelo azul, liso, com os olhos verdes...

- Sim... então tu gostaste... dela, desta super-heroína.

Sim.

- Imagina que passavas um dia com ela. O que é que achas que podia acontecer?

Podia ajudar, ajudar as outras pessoas e ajudar a combater o Vector.

- Ok. Ajudar a combater o Vector. E se pudesses ter alguma característica dela, o que é que gostavas?

Ser elástica.

- Ser elástica. Ok. Então olha eu não tenho mais perguntas, tens alguma coisa que queiras perguntar ou acrescentar dela?

Não.

Entrevista – E.

-Boa tarde

Boa tarde

- Então, eu gostava de te perguntar, se me podias falar sobre o que te foi importante neste herói.

O que foi importante nesse herói? Para mim o que é importante nesse herói. O importante nesse herói é que ele faça justiça e não deixe que ninguém goze com ninguém, ou que lhe façam mal. Como gozar com ele, fazer partidas e roubando-lhes coisas a cada... pessoas a cada outras pessoas e... quando há um vilão, extraterrestre, não é bem humano, ela que use os seus super-poderes, os mais fortes para o tentar matar.

- Ok... que ela seja justa e que ajude as outras pessoas?

Sim assim, uma pessoa está a gozar com a outra, e ela vai lá e assusta-os. E se uma pessoa estiver a roubar a outra, ela com o seu poder da elasticidade agarra-o pela perna e atira-o para o chão e dá o dinheiro à pessoa, ou o que for, que foi assaltada.

- Então para ti, é importante que ela proteja as outras pessoas. E ela protege com os seus poderes.

Mas às vezes não é preciso poderes, é só preciso se mostrar.

- Podes explicar-me isso um bocadinho melhor?

É só preciso ela assim, às vezes uma... quando uma pessoa está a gozar com a outra é só preciso tocar no ombro, a pessoa virar-se assustar-se e ir-se embora.

- Ok ela assusta as outras pessoas?

Sim quando é preciso, quando não é preciso ela não assusta.

- Ok e que pessoas é que ela assusta?

Os que gozam com as outras pessoas.

- Então ela gosta de ajudar as pessoas que estão a ser gozadas?

Também agredidas e também assaltadas.

- E mais sobre ela?

Às vezes fica afogada no tempo e fica... muito às vezes... muito stressada, porque não tem tempo para si, para a escola e para os super-poderes.

- Ok, ela tem dificuldade em fazer as duas vidas.

(Acente com a cabeça)

- Porque é que ela tem essa dificuldade? Era por causa do tempo?

Sim.

- Hum hum, e o que é que ela faz para superar essa dificuldade?

Estuda durante a noite, e às vezes também estuda, às vezes à até dias em que ela não estuda porque não pode porque não tem tempo...

- Hum hum

E às vezes, e quando pode estuda sempre, de manhã, à noite, na universidade e ela às vezes também faltava à universidade.

- Ok, ela estuda muito então? E Porque é que ela falta às vezes?

Por causa dos super-vilões, e dos maus, que é são as más pessoas, têm super-poderes, como os super-vilões.

- Ok e essas pessoas não a deixam então estudar, trabalhar.

Sim.

- Mas ela consegue mesmo assim.

Sim.

- Ok... Tens mais alguma coisa a dizer sobre ela?

(nega com a cabeça)

- Ok, eu acho então que não tenho mais perguntas, não tens mais nada a acrescentar ou para perguntar? Obrigado

#### Entrevista – PC.

- Pedia-te para tu me falares um bocado sobre o que é que te foi importante nesta heroína.

Ahm... Estar com os meus amigos...

- Hum hum... Nela, nesta pessoa que vocês inventaram, o que é que foi importante para ti?

Inventarmos coisas...

- Hum hum... e que características nela é que te foram importantes?

Os... sapatos a jato...

- Os sapatos a jato...

Os braços elásticos... os óculos lazer. E mais nada.

- E mais nada? E características psicológicas? Que vocês definiram aqui...

...

- Não te foi importante nada?

Esperta.

- Ok, ser esperta... e se imaginasses que podias passar um dia com ela. O que é que tu poderias fazer?

Ahm... Voar.

- Ok, podias voar...

...

- Ok, está a ser difícil para ti? (acena com a cabeça) Peço desculpa. Ela é parecida com alguém que tu conheças? Tem alguma parecença?

Não.

- Não. Porque é muito diferente ela? (Acena com a cabeça) Em que é que ela é muito diferente?

Tudo!

- Tudo nela é diferente ok. E é um bom diferente?

... (riso nervoso)

- Ok, obrigado, eu então não tenho mais perguntas.

#### Entrevista – PA.

- Então boa tarde. Eu vou-te perguntar sobre o que te foi importante para ti neste herói.

Importante? Como assim importante?

- O que gostaste nesse herói, o que te ficou desse herói.

Então eu gostei que ela fosse, assim, que ela gostasse de estudar, que... era uma super-heroína... Mais... Também gostei que ela fosse, seja simpática, bondosa, amigável, esperta... mais... cabelo fosse azul, tem os olhos verdes também. Também gostei do nome do fim, “Provaktilov”.

- Porquê esse nome?

Não sei, é engraçado e é fora do comum, não é português!... Também gosto que ela estude medicina e que seja de um outro planeta.

- Ok, podes-me falar um bocadinho sobre porque gostaste que ela fosse esperta?

Gostei que ela fosse esperta, porque... porque assim, quando lutava contra o vilão, tinha mais possibilidades de ganhar!

- Ok, e medicina?

Então, se alguém se magoasse, ela sabia mais ou menos como a ajudar, não ficava lá parada sem fazer nada. Se uma pessoa se sentir mal!

- Ela não só salva pessoas, como também podia ajudá-las se elas ficassem aleijadas?

Sim.

- Ok. E de outro planeta?

De outro planeta... o que eu gostei de ser de outro planeta... Tem poderes e... ao contrário da sua família e das outras pessoas!

- Pois, porque a família dela não tem poderes não é? (acena) e o que é que isso a torna na família dela?

Especial!

- Ela é especial, e especial como?

Porque tem os poderes...

- Hum-hum... podes-me dizer porque é que a irmã não tem poderes? O que é que tu achas?

Porque é que a irmã não tem poderes... não sei, se calhar porque... foi um, um dom, raro que lhe calhou e que a irmã não teve!

- Ok, ela é então especial! E mais, sobre características físicas também?

Características físicas... Gostei que ela fosse esquerdina. Elástica.

- Ok, gostaste do que a torna especial ou diferente?

Sim.

- Sim, e porquê? Porquê o que a torna diferente?

Porquê que a torna diferente?

- Porquê das características diferentes?

Não sei bem! Se calhar pelos poderes...

- Ok. Imaginando que passavas um dia com ela. O que imaginavas que podia acontecer?

Que salvávamos o mundo... ajudávamos pessoas...

- Hum-hum.

Lutávamos contra os maus...

- Ok, então obrigado, eu não tenho mais perguntas, tens alguma coisa que queiras perguntar?

Não.

- Alguma coisa que queiras acrescentar?

Não.

## **Anexo 9 – Carta de Consentimento Informado**

A presente investigação será realizada no âmbito da Tese de Mestrado em Psicologia Clínica, sendo o investigador responsável: André Barbosa Leitão de Lobo Ferreira, aluno do 5º ano, do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA-Instituto Universitário, sob orientação de Prof. Doutora, Maria Emília Marques. Esta investigação tem como objetivo aceder às representações do ídolo.

Os procedimentos para a recolha dos dados serão: Na sala de aula na presença do professor, um desenho de dois super-heróis e respetivas características. Serão escolhidos de forma aleatória, 3 rapazes e 3 raparigas para uma entrevista individual de média duração (cerca de 30 min), que abordará as características que foram atribuídas ao ídolo. Posteriormente será aplicada uma prova psicológica (CAT), na qual é pedido para contar histórias com base em imagens que vão sendo apresentadas.

Esta investigação não envolve qualquer tipo de risco físico ou psicológico, limitando-se a observar o que se apresenta na sua forma natural, não intervindo, sendo os seus resultados de grande valor para a compreensão deste mesmo tema.

A investigação é confidencial, onde se salvaguarda qualquer elemento que identifique os participantes, ou escola, sendo que a única pessoa que terá acesso às gravações e análise das provas, será o investigador e orientadora.

A participação neste estudo é voluntária sem que existam qualquer tipo de consequências, caso não queira participar nela ou caso queira desistir em qualquer momento do processo de investigação.

Será permitido expor todas as questões que surgirem acerca desta investigação e serão esclarecidas todas as dúvidas de como se procederá no estudo.

A participação nesta investigação não tem qualquer tipo de recompensa monetária.

Após a leitura deste consentimento e de estar esclarecido(a) em relação a todos os pontos, autorizo o(a) meu(minha) filho(a) a participar nesta investigação.

---

(Investigador)

---

(Encarregado de Educação)